

GUIA DE BUENOS AIRES

VOLUME 1 DE 2

Lugares conhecidos e desconhecidos



Ilustração: Federico Firvida

ARQUITETO

Carlos Firvida

ideasdebuenosaires.com

ÍNDICE

Avenida Corrientes – a rua que nunca dorme	Congreso	31
Bar La Paz – o bar do xadrez	Congreso	34
Barrancas de Belgrano	Belgrano	20
Barrio Cafferata – cidade-jardim portenha	Caballito	24
Barrio Chino de Belgrano	Belgrano	21
Barrio Los Perales – habitação social peronista	Mataderos	50
Barrio Monseñor Espinosa	Barracas	17
Basílica de San Carlos y María Auxiliadora	Almagro	5
Basílica de San José de Flores	Flores	38
Bonde Histórico de Caballito	Caballito	25
Bosques de Palermo – Parque Tres de Febrero	Palermo	65
Café El Progreso	Barracas	11
Café Margot – o bar de Boedo	Boedo	23
Caminito	La Boca	40
Casa Calise – a fachada escultórica	Balvanera	6
Casa Moussion	Balvanera	8
Casa natal de Carlos Gardel	Abasto	2
Casa Palanti – Palanti na Avenida de Mayo	Montserrat	54
Cemitério da Chacarita	Chacarita	28
Club Atlético San Lorenzo de Almagro	Almagro	4
Colonia Sola – bairro ferroviário de Barracas	Barracas	18
Confitería del Molino – patrimônio restaurado	Congreso	33
Edifício Otto Wulff – ecletismo extremo	Montserrat	53
Estação Coghlan e seu bairro	Coghlan	29
Estación Constitución	Constitución	36
Estádio Diego Armando Maradona	La Paternal	47
Estádio Islas Malvinas – Club All Boys	Floresta	39
Estadio Más Monumental – River Plate	Núñez	57
Faculdade de Agronomia da UBA	Agronomía	3
Farmacia Iriarte – a farmácia museu	Barracas	12
Feira de Mataderos	Mataderos	49
Fundación Proa	La Boca	42
Hipódromo Argentino de Palermo	Palermo	64
Jardim Botânico Carlos Thays	Palermo	59
Jardim Japonês	Palermo	60
La Bombonera – Estádio Alberto J. Armando	La Boca	41
La Redonda – Basílica da Imaculada Conceição	Belgrano	22
La Viruta – milonga e escola de tango	Palermo	67
La Vuelta de Rocha	La Boca	43
Las Mil Casitas – bairro ferroviário de Liniers	Liniers	48
Los 36 Billares	Montserrat	55
Los Laureles – milonga de bairro	Barracas	13
MALBA – Museu de Arte Latino-Americana	Palermo	62

ÍNDICE

Mercado de Hacienda de Mataderos	Mataderos	51
Mercado de las Pulgas	Palermo	71
Mercado del Abasto	Abasto	1
Mural gigante de Maradona	Constitución	37
Museo Larreta e o Jardim Andaluz	Belgrano	19
Museu de Belas Artes de La Boca - Quinquela Martín	La Boca	45
Museu Nacional de Arte Decorativa	Palermo	63
O cortiço - patrimônio vivo de La Boca	La Boca	46
Palacio de Aguas Corrientes	Balvanera	7
Palácio do Congresso Nacional	Congreso	35
Palermo Soho e Palermo Hollywood	Palermo	66
Parque de la Memoria	Núñez	58
Parque Monte Castro	Monte Castro	52
Parque Rivadavia e a feira de livros	Caballito	26
Pasaje Agustín Bardi	Barracas	16
Pasaje Bollini	Palermo	69
Pasaje Convención	Palermo	70
Pasaje Darquier	Barracas	15
Pasaje El Renacimiento	Barracas	14
Pasaje Florencio Balcarce	Caballito	27
Pasaje Lanín - a passagem dos mosaicos	Barracas	9
Planetário Galileo Galilei	Palermo	61
Plaza Lavalle e seu conjunto monumental	Congreso	32
Ponte Transportadora Avellaneda	La Boca	44
Ponte Uriburu sobre o Riachuelo	Nueva Pompeya	56
Salón Canning - a milonga da tradição	Palermo	68
Silos de Dorrego - o Molino Minetti reconvertido	Colegiales	30
Templo Maçônico Hijos del Trabajo	Barracas	10

BAIRROS

Os bairros deste volume, em ordem alfabética.

Abasto	1	Constitución	36
Agronomía	3	Flores	38
Almagro	4	Floresta	39
Balvanera	6	La Boca	40
Barracas	9	La Paternal	47
Belgrano	19	Liniers	48
Boedo	23	Mataderos	49
Caballito	24	Monte Castro	52
Chacarita	28	Montserrat	53
Coghlan	29	Nueva Pompeya	56
Colegiales	30	Núñez	57
Congreso	31	Palermo	59

ABASTO

- Mercado del Abasto
- Casa natal de Carlos Gardel

Mercado del Abasto

Abasto



Foto: usuário do Flickr "ha_mas" · Wikimedia Commons (CC BY 2.0)

O Mercado del Abasto tem uma das histórias arquitetônicas mais fascinantes de Buenos Aires. Construído originalmente em 1893 como mercado central de frutas e verduras da cidade, foi demolido e reconstruído entre 1928 e 1934 em um estilo art déco racionalista que o transformou em um dos edifícios mais notáveis de sua época na Argentina. Suas abóbadas de concreto, seus grandes vitrais e sua estrutura de aço e vidro eram, nos anos trinta, uma demonstração de modernidade construtiva que poucos edifícios portenhos conseguiam igualar.

O mercado funcionou como tal até 1984, quando foi fechado e o abastecimento atacadista foi transferido para o Mercado Central, na periferia. Por mais de uma década o edifício permaneceu abandonado. A reconversão em shopping, inaugurada em 1998, salvou a estrutura mas transformou seu uso: as fachadas, as abóbadas e os vitrais foram preservados intactos, enquanto o interior foi reorganizado para lojas, cinemas e gastronomia.

NOTA DO AUTOR

O Abasto é o caso mais visível em Buenos Aires das tensões geradas pelo reaproveitamento do patrimônio industrial. A estrutura foi salva, mas o uso original desapareceu. Como arquiteto, prefiro esse resultado à demolição, mas entendo quem lamenta que o mercado popular tenha sido substituído por um shopping de marcas internacionais. O edifício ganhou; o bairro perdeu algo.

Casa natal de Carlos Gardel

Abasto



Foto: Solana Malacco · Wikimedia Commons (CC BY-SA 3.0)

Em uma rua tranquila do Abasto, a poucas quadras do mercado que dá nome ao bairro, uma casa baixa com uma placa na fachada indica o lugar onde cresceu o homem que se tornou o símbolo mais universal do tango. Carlos Gardel morou na Jean Jaurès 735 desde sua chegada a Buenos Aires ainda criança, vindo de Toulouse, na França, até que a fama o levou a outros palcos. A casa hoje funciona como museu.

O mistério de suas origens é um dos debates mais persistentes da cultura argentina: nasceu em Toulouse ou em Tacuarembó, no Uruguai? O que ninguém discute é que Buenos Aires foi sua cidade: o Abasto o formou, o tango o consagrou e a Argentina o adotou com uma intensidade reservada a pouquíssimos. O museu conserva partituras com suas anotações, trajes de cena, fotografias de suas turnês internacionais e documentos que narram a trajetória de um artista que, nos anos trinta, era tão famoso em Paris, Nova York e Madri quanto em Buenos Aires.

NOTA DO AUTOR

Gardel é o artista que mais claramente colocou Buenos Aires no mapa do mundo. Antes de Gardel, Buenos Aires era uma cidade em construção. Depois de Gardel, era uma cidade com identidade.

AGRONOMÍA



— Faculdade de Agronomia da UBA

Nascido ao redor dos terrenos da antiga Faculdade de Agronomia no final do século XIX, conserva amplos espaços verdes e um ritmo residencial pouco frequente na cidade. Hoje é um bairro tranquilo, associado à vida universitária, aos parques e às casas baixas.

Para o viajante:

Perca-se entre os jardins da Faculdade de Agronomia, onde as árvores centenárias sussurram segredos de botânica a quem se detém para escutá-las. No outono, o bairro se tingue de amarelos e ocres que parecem tirados de um quadro impressionista.

Faculdade de Agronomia da UBA

Agronomía



Foto: Wikimedia Commons (licença livre; autor a confirmar)

A Faculdade de Agronomia da Universidade de Buenos Aires, fundada em 1904, ocupa um terreno de 35 hectares no limite norte da cidade. Seu campus reúne um arboreto com mais de 500 espécies arbóreas, jardins experimentais, viveiros e estufas históricas que constituem o maior espaço verde universitário de Buenos Aires.

O edifício central, de arquitetura eclética com elementos neocoloniais, foi projetado no início do século XX e integra o patrimônio arquitetônico universitário portenho. Os jardins são abertos ao público e oferecem uma experiência incomum: percorrer um espaço verde em escala de parque em um bairro residencial tranquilo, longe dos roteiros turísticos habituais.

NOTA DO AUTOR

A Faculdade de Agronomia é um dos segredos mais bem guardados de Buenos Aires. Trinta e cinco hectares de verde com uma coleção botânica que poucos museus conseguiriam igualar.

ALMAGRO



- Club Atlético San Lorenzo de Almagro
- Basílica de San Carlos y María Auxiliadora

Club Atlético San Lorenzo de Almagro

Almagro

O Club Atlético San Lorenzo de Almagro nasceu em 1908 no bairro de Almagro, no quarteirão delimitado pelas ruas Treinta y Tres Orientales, Avenida La Plata, Jean Jaurès e Estado de Israel. Segundo a história oficial, o padre salesiano Lorenzo Massa organizou as primeiras partidas naquela esquina para tirar os garotos do bairro da rua. O nome do clube homenageia tanto o padre fundador quanto o bairro de origem.

Em 1979, durante a última ditadura militar, o clube foi despojado desse terreno histórico por meio de uma desapropriação forçada. Em seu lugar foi construído um supermercado que ainda funciona hoje. O San Lorenzo se instalou então no bairro de Flores, onde construiu o Estádio Pedro Bidegain — popularmente conhecido como Nuevo Gasómetro, na Av. La Plata 1782 — inaugurado em 1993. Por mais de quatro décadas, a militância de seus torcedores reivindicou a recuperação do terreno original em Almagro: o movimento 'Volver al Gasómetro' é um dos fenômenos de identidade de bairro mais duradouros da história do futebol argentino. Em 2015 o clube recuperou legalmente o terreno; o projeto para construir o novo estádio em Almagro está em desenvolvimento.

NOTA DO AUTOR

O San Lorenzo é o clube de futebol com a história urbana mais complexa de Buenos Aires: nascido em uma esquina de Almagro, expulso por uma ditadura, exilado em Flores por quarenta anos e hoje em processo de voltar às origens. Essa história de despossessão e resistência o transforma em algo mais do que um clube de futebol.

Basílica de San Carlos y María Auxiliadora

Almagro



Foto C. Firvida

Na esquina da Avenida Hipólito Yrigoyen com a Quintino Bocayuva ergue-se uma das basílicas mais imponentes e menos frequentadas pelo turismo em Buenos Aires. A Basílica de San Carlos y María Auxiliadora, construída entre 1900 e 1910 segundo projeto do arquiteto salesiano Ernesto Vespignani, é a maior obra religiosa que a Ordem Salesiana construiu na Argentina. A pedra fundamental foi colocada em 1900, com o presidente Julio Argentino Roca como padrinho.

O interior surpreende o visitante. A nave central de quarenta e cinco metros de altura, os vitrais com cenas da vida de Dom Bosco e de Maria Auxiliadora, o altar-mor de mármore sob um baldaquino de granito e os afrescos das abóbadas, pintados por artistas italianos, criam uma atmosfera que poucas igrejas portenhas conseguem igualar. Suas paredes guardam dois vínculos com figuras centrais da cultura argentina: aqui Carlos Gardel cantou quando criança, integrando o coro paroquial, e aqui foi batizado, em 25 de dezembro de 1936, Jorge Mario Bergoglio, que se tornaria o Papa Francisco.

NOTA DO AUTOR

A Basílica de San Carlos é o edifício de Almagro que mais surpreende o visitante desavisado. O fato de Gardel ter rezado em seus bancos e Bergoglio ter sido batizado ali faz deste um dos edifícios mais carregados de história popular de toda a cidade.

BALVANERA

- Casa Calise — a fachada escultórica
- Palacio de Aguas Corrientes
- Casa Moussion

Casa Calise — a fachada escultórica

Balvanera

Na rua Hipólito Yrigoyen, em Balvanera, existe um edifício que detém o transeunte com a força do inesperado. A Casa Calise, construída em 1911, tem sua fachada coberta por trinta e nove figuras escultóricas: atlantes, cariátides, bustos, relevos e ornamentos que se acumulam sobre o tijolo com uma exuberância sem equivalente em nenhum outro edifício da cidade.

A encomenda foi feita pela família Calise, imigrantes italianos que queriam construir em Buenos Aires um edifício que demonstrasse sua prosperidade e sua cultura. O arquiteto interpretou esse pedido com uma literalidade que transformou a fachada em um catálogo exaustivo da escultura decorativa do início do século XX: figuras alegóricas, mascarões, grinaldas, colunas e cornijas sobrepostos em uma composição que exige várias visitas para ser esgotada. A Casa Calise é Patrimônio Histórico da Cidade de Buenos Aires.

NOTA DO AUTOR

A Casa Calise expressa, melhor do que qualquer outro edifício de Buenos Aires, o desejo dos imigrantes de provar que haviam chegado. Trinta e nove figuras escultóricas em uma fachada de bairro são uma declaração de ambição que a cidade, generosamente, aceitou.

Palacio de Aguas Corrientes

Balvanera



Foto C. Firvida

Na Avenida Córdoba existe um edifício que detém quem o vê pela primeira vez com a força de algo que não deveria existir onde existe. O Palacio de Aguas Corrientes — construído entre 1887 e 1894 para abrigar os reservatórios de distribuição de água potável da cidade — é uma das obras mais extraordinárias da arquitetura argentina: uma infraestrutura sanitária disfarçada de palácio, com uma extravagância que, cento e trinta anos depois, continua sendo um argumento relevante a favor da beleza no cotidiano.

O edifício foi projetado pelo arquiteto norueguês Olaf Boye, da empresa britânica Bateman, Parsons & Bateman, sob a direção do engenheiro sueco Carlos Nyströmer. A fachada combina 130 mil tijolos esmaltados e 300 mil peças de cerâmica importadas da Inglaterra e da Bélgica, com influências do Segundo Império francês e da arquitetura vitoriana. Foi declarado Monumento Histórico Nacional em 1989.

NOTA DO AUTOR

O Palacio de Aguas é o argumento mais contundente a favor do investimento estético em infraestrutura pública. O governo da época decidiu que o edifício dos reservatórios de água merecia ser belo. Essa decisão continua nos dando prazer 130 anos depois.

Casa Moussion

Balvanera



Foto C. Firvida

Na esquina de Callao com Sarmiento —que em 1910 ainda se chamava Cuyo— ergue-se um edifício de linhas art nouveau que, na Buenos Aires do Centenário, foi notícia por um único motivo: suas janelas. A Casa Moussion, inaugurada por volta de 1910 pelos arquitetos Emilio Hugé e Vicente Colmegna, tinha vidros curvos de doze metros de altura, importados da França, que na época representavam uma verdadeira proeza técnica: fabricar e transportar painéis de vidro curvo desse tamanho era um desafio que pouquíssimas cidades do mundo conseguiam resolver.

O edifício foi construído para Gustave Moussion, um cabeleireiro e esteticista milionário cujo salão de beleza —o mais prestigiado da cidade— vendia perfumes, chapéus, vestidos, luvas e espartilhos para as damas da alta sociedade portenha. Com o tempo, o local passou às mãos do Bazar Dos Mundos, uma rede de lojas fundada em 1915 pelo catalão J. Roger Balet. O edifício se conserva até hoje, e suas janelas curvas continuam sendo, mais de um século depois, um dos detalhes de marcenaria mais notáveis da avenida Callao.

NOTA DO AUTOR

O que mais me interessa na Casa Moussion é que seu valor não está na ornamentação, mas na própria marcenaria. Curvar vidro dessas dimensões em 1910 era um problema de engenharia, não de estilo. Toda vez que passo por Callao e Sarmiento, penso no esforço técnico necessário para que aquela curva, tão simples aos olhos, fosse possível.

BARRACAS

- Pasaje Lanín — a passagem dos mosaicos
- Templo Maçônico Hijos del Trabajo
- Café El Progreso
- Farmacia Iriarte — a farmácia museu
- Los Laureles — milonga de bairro
- Pasaje El Renacimiento
- Pasaje Darquier
- Pasaje Agustín Bardi
- Barrio Monseñor Espinosa
- Colonia Sola — bairro ferroviário de Barracas

Pasaje Lanín — a passagem dos mosaicos

Barracas



Foto C. Firvida

Existe em Barracas uma passagem que parece arrancada de outra cidade. Suas duas quadras de casas baixas estão completamente cobertas de mosaicos e murais cerâmicos de cores intensas, figuras humanas, animais, padrões geométricos e símbolos que se sucedem sem pausa de uma fachada à seguinte. O Pasaje Lanín é um dos projetos de arte pública mais duradouros e extraordinários de Buenos Aires.

A obra é do artista Marino Santa María, que começou a intervir nas fachadas em 1990 com a permissão dos vizinhos e o apoio do governo da cidade. O que começou como uma intervenção em sua própria casa foi se estendendo, ano após ano, até cobrir a totalidade das fachadas. Santa María projeta cada mosaico em colaboração com os proprietários, o que explica a diversidade de estilos e temas dentro de uma unidade estética reconhecível. Na esquina com a Avenida Suárez fica La Flor de Barracas, um antigo bodegón que testemunhou décadas de vida do bairro a partir daquele canto privilegiado.

Em novembro de 2014, a passagem foi declarada Sítio de Interesse Cultural e Patrimônio Cultural de Barracas pela Legislatura da Cidade de Buenos Aires.

NOTA DO AUTOR

O Pasaje Lanín é um daqueles lugares que uso como argumento quando alguém me pergunta se a arte urbana pode melhorar uma cidade. Santa María não decorou a passagem: ele a transformou. As mesmas casas modestas de sempre, transformadas em algo que ninguém pode ignorar.

Templo Maçônico Hijos del Trabajo

Barracas



Foto C. Firvida

Em uma rua tranquila de Barracas, entre casas baixas e galpões, surge de repente uma fachada que não pertence a nenhum estilo arquitetônico convencional. O Templo da Loja Maçônica Hijos del Trabajo é um dos edifícios mais singulares e menos conhecidos de Buenos Aires: sua frente está coberta de símbolos, inscrições e elementos decorativos que narram, em linguagem hermética, a história e os valores da maçonaria.

A loja foi fundada no final do século XIX por trabalhadores imigrantes — em sua maioria italianos e espanhóis — que encontraram na maçonaria um espaço de sociabilidade, formação e ajuda mútua. O edifício atual foi construído nas primeiras décadas do século XX e sua fachada acumula uma densidade simbólica extraordinária: esquadros, compassos, estrelas de cinco pontas, colunas e uma série de inscrições que misturam espanhol e latim. É um dos poucos templos maçônicos visíveis da rua em toda a cidade.

NOTA DO AUTOR

O Templo Maçônico de Barracas é o edifício de Buenos Aires que mais vezes me fez parar de repente. A densidade simbólica de sua fachada em uma rua tão anônima produz uma dissonância que obriga a olhar. É exatamente o tipo de achado que faz valer a pena caminhar por Buenos Aires de olhos abertos.

Café El Progreso

Barracas



Foto C. Firvida

Os grandes bares de Buenos Aires têm seus nomes e suas ruas indicados nos guias. Mas a cidade também tem seus bares de bairro: os que não aparecem em rankings, os que existem porque um bairro precisa deles e os sustenta com a fidelidade silenciosa de clientes de longa data. O Café El Progreso, em Barracas, é um deles. Está há décadas na mesma esquina, com o mesmo balcão e a mesma luz de sempre.

Barracas é um dos bairros mais subestimados de Buenos Aires. Sua história industrial, sua arquitetura do final do século XIX e sua vida de bairro ainda intacta o tornam um dos territórios mais interessantes do sul da cidade. A pressão turística que transformou San Telmo e La Boca não chegou aqui com a mesma intensidade. O Progreso faz parte dessa Barracas que resiste: um bar que não precisa se reinventar porque nunca deixou de ser o que sempre foi.

NOTA DO AUTOR

O Café El Progreso é o tipo de bar que Buenos Aires precisa preservar com mais urgência do que qualquer monumento. Monumentos não desaparecem da noite para o dia; bares de bairro sim. Cada vez que um fecha, leva consigo décadas de história social que nenhum livro pode recuperar.

Farmacia Iriarte — a farmácia museu

Barracas

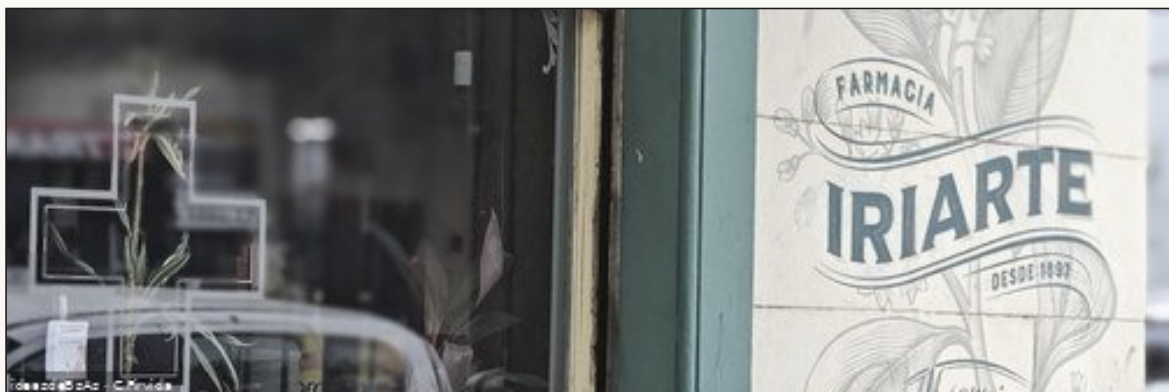


Foto C. Firvida

Na esquina de Iriarte e Suárez, em Barracas, existe uma farmácia que parece parada no tempo. A Farmacia Iriarte conserva intacto seu interior do início do século XX: prateleiras de madeira de algarrobo que chegam ao teto, vitrines com frascos originais, equipamento de laboratório de época e o piso de mosaicos calcários que nenhuma reforma alterou. É um dos interiores históricos mais bem preservados de Buenos Aires.

A farmácia continua funcionando como tal. Esse detalhe é fundamental: não é um museu congelado, mas um negócio vivo que preserva ao mesmo tempo a materialidade de uma época em que as farmácias eram centros da vida científica e intelectual do bairro. O farmacêutico era figura de autoridade e conhecimento: a pessoa que diagnosticava, aconselhava e preparava os medicamentos. O interior da Farmacia Iriarte é um documento físico dessa função e dessa época.

NOTA DO AUTOR

A Farmacia Iriarte é o lugar de Barracas que mais me comove como arquiteto. Não pela arquitetura em si, que é modesta, mas pela decisão de preservá-la: alguém decidiu que aquele interior valia a pena manter intacto, e essa decisão é uma forma de inteligência que os grandes projetos de patrimônio raramente alcançam.

Los Laureles — milonga de bairro

Barracas



Foto C. Firvida

Há milongas para turistas e milongas para portenhos. As primeiras têm show, iluminação especial e cardápio em quatro idiomas. As segundas têm tango, gente do bairro e a possibilidade de cantar, dançar e comer na mesma noite com a naturalidade de quem se diverte sem pose. Los Laureles pertence, sem dúvida, à segunda categoria: uma milonga de bairro onde o tango é praticado como sempre foi.

A possibilidade de cantar é uma das características mais singulares de Los Laureles. Na maioria das milongas, o tango se dança mas não se canta: a voz foi substituída pelas gravações. Aqui a tradição do tango cantado sobrevive: quem quiser subir ao palco e cantar com a orquestra pode fazê-lo. O resultado é essa mistura de profissionalismo e amadorismo que o tango de bairro sempre teve. É um dos poucos lugares de Buenos Aires onde o tango ainda acontece em vez de ser exibido.

NOTA DO AUTOR

Los Laureles é o lugar aonde fui para ver e ouvir tango no bairro. Há algo na informalidade de uma milonga de bairro — a mistura de idades, a ausência de pose, as pessoas que vêm dançar e não para serem vistas — que o tango para turistas não consegue reproduzir.

Pasaje El Renacimiento

Barracas



Foto C. Firvida

O nome desta passagem não homenageia nenhum herói nacional nem nenhum acontecimento histórico preciso. Fala, em vez disso, de uma aspiração: a de um bairro operário e imigrante que, nos primeiros anos do século XX, escolheu se nomear com a palavra mais carregada de futuro que a língua tinha. Barracas foi, desde o final do século XIX, território de trabalhadores italianos, espanhóis e judeus do leste europeu que instalaram em seus cortiços e oficinas uma ideia de recomeço.

El Renacimiento condensa essa ideia com exatidão. É uma quadra de casas baixas entre as ruas Perdriel e Santa Elena, cem metros de cidade popular construída em escala humana, com materiais modestos e uma dignidade que o tempo não apagou. As fachadas combinam tijolo aparente com elementos decorativos simples — cornijas, vergas, molduras — que demonstram que a arquitetura popular da Buenos Aires imigrante tinha ambição estética mesmo sem grandes orçamentos.

NOTA DO AUTOR

O Pasaje El Renacimiento é o tipo de lugar que faz valer a pena caminhar por Buenos Aires. Uma quadra que se autodenominou com a palavra mais esperançosa da língua, construída por imigrantes que acreditavam mais no futuro do que no presente.

Pasaje Darquier

Barracas



Foto C. Firvida

Há uma passagem em Barracas que desenha um C maiúsculo. Foi feita assim para abraçar, em seu interior, o edifício da Estação Hipólito Yrigoyen da ferrovia Roca: um bloco de tijolo vermelho que a passagem envolve como se quisesse protegê-lo do tempo.

O Pasaje Darquier é um dos achados mais inesperados do sul de Buenos Aires: uma quadra de casas baixas do início do século XX que se curva ao redor da estação ferroviária, criando uma geometria que nenhum mapa da cidade antecipa. As pedras originais, as fachadas de tijolo aparente e a vegetação que cresceu entre as casas e o talude dão à passagem uma atmosfera de bairro de outra época que o tempo respeitou. É um daqueles lugares que só se descobrem caminhando.

NOTA DO AUTOR

O Pasaje Darquier é o lugar de Barracas onde mais claramente se percebe a relação entre o bairro e a ferrovia. Essa curva que a passagem desenha para abraçar a estação é também um abraço ao tempo que passou.

Pasaje Agustín Bardi

Barracas



Foto C. Firvida

A poucos metros do Pasaje Darquier, colado ao talude dos mesmos trilhos elevados, corre o Pasaje Agustín Bardi. O nome é uma declaração musical: Bardi foi um dos compositores mais importantes do tango da guarda velha, embora tenha vivido com a discricção de quem não precisa ser visto para ser ouvido.

Nasceu em Las Flores em 1884, chegou ainda criança a Barracas e passou décadas neste bairro tocando em bares e cafés, enquanto levava uma vida paralela como funcionário de uma companhia de seguros, onde chegou a gerente. Essa dupla existência — artista à noite, funcionário de dia — é profundamente portenha. Tangos como Gallo ciego e El abrojo estão entre os mais ricos interpretativamente do repertório clássico. A passagem que leva seu nome é modesta e de escala íntima, ladeada por casas baixas do início do século XX: um retrato fiel do homem que homenageia.

NOTA DO AUTOR

Agustín Bardi compôs alguns dos melhores tangos da história e morreu como gerente de uma companhia de seguros. Que uma passagem de Barracas leve seu nome é o tipo de justiça póstuma que só Buenos Aires pratica.

Barrio Monseñor Espinosa

Barracas



Foto C. Firvida

No coração de Barracas, no quarteirão delimitado pelas ruas Perdriel, Alvarado, California e Santa Elena, um grande arco de tijolo vermelho anuncia a entrada de um dos conjuntos de habitação operária mais bem conservados de Buenos Aires. O Barrio Monseñor Espinosa foi construído entre 1917 e 1923 por iniciativa da União Popular Católica Argentina, que organizou uma coleta nacional de materiais —cal, tijolo, cimento— para erguer sessenta e quatro casas destinadas a famílias numerosas de poucos recursos.

O terreno foi doado por Leandro Pereyra Iraola, e o projeto —do arquiteto Alfredo Cucullu Curuchet— organizou as moradias em oito pavilhões ao redor de um espaço verde central, com ruas internas arborizadas que ainda hoje dão ao conjunto um ar de condomínio fechado. O nome homenageia o arcebispo Mariano Antonio Espinosa, conhecido como "padre Antoñito", que morreu no mesmo dia em que o bairro foi inaugurado, em 1923. Com o tempo, essas casas operárias se tornaram um dos endereços mais cobiçados de Barracas.

NOTA DO AUTOR

O Barrio Monseñor Espinosa é um paradoxo que considero entranhável: um conjunto pensado para famílias sem recursos acabou sendo, um século depois, um refúgio exclusivo. A arquitetura não mudou; mudou a cidade ao redor. Isso também é uma forma de patrimônio.

Colonia Sola — bairro ferroviário de Barracas

Barracas



Foto C. Firvida

Na Avenida Australia, entre as ruas Perdriel e Santa Elena, um conjunto de casas de tijolo com galerias de madeira de dois andares preserva a memória de um dos primeiros bairros operários ferroviários de Buenos Aires. A Colonia Sola foi construída em 1890 pela Ferrocarril del Sud —uma empresa inglesa— para abrigar os trabalhadores da vizinha Estação Sola, uma estação de cargas hoje desaparecida.

O conjunto é formado por quatro blocos térreo e um andar, com dezesseis moradias cada, resolvidos com uma arquitetura que remete diretamente aos bairros operários do East End londrino e de Liverpool: tijolo aparente, marcenaria de madeira e galerias corridas que serviam tanto de circulação quanto de palco para a vida social. Com o passar das décadas, os moradores se organizaram em uma associação mutual e hoje são donos do terreno, que segue habitado a poucos metros dos trilhos e dos contêineres da ferrovia que lhe deu origem.

NOTA DO AUTOR

A Colonia Sola é um testemunho de que a Buenos Aires ferroviária não construiu apenas estações: também trouxe consigo um modelo completo de habitação operária, importado das cidades industriais inglesas. Que seus moradores tenham acabado se tornando donos dessas casas, mais de um século depois, é uma reivindicação silenciosa que poucos bairros podem exhibir.

BELGRANO



- Museo Larreta e o Jardim Andaluz
- Barrancas de Belgrano
- Barrio Chino de Belgrano
- La Redonda — Basílica da Imaculada Conceição

Museo Larreta e o Jardim Andaluz

Belgrano

Em uma rua residencial de Belgrano raramente percorrida por turistas existe um dos museus mais belos e menos conhecidos de Buenos Aires. O Museu Casa de Enrique Larreta funciona na residência que o escritor e diplomata argentino construiu em 1916, e seu jardim — projetado segundo os princípios da jardinagem andaluza — é uma raridade em uma cidade que nunca cultivou o jardim fechado e sombreado.

Enrique Larreta foi o autor de *La gloria de don Ramiro*, romance histórico ambientado na Espanha do século XVI que fez sucesso internacional no início do século XX. Sua paixão pela Espanha medieval não se limitou à escrita: a residência reproduz a arquitetura e os jardins das casas senhoriais andaluzas, com fonte central, laranjeiras, ciprestes e uma galeria de arcos que parece transplantada de Córdoba ou Sevilha. O museu conserva a coleção de arte hispânica reunida durante sua vida diplomática.

NOTA DO AUTOR

O jardim de Larreta é o argumento mais convincente que conheço para visitar Belgrano. É um anacronismo perfeito: a Espanha do século XVI na Buenos Aires do século XXI, funcionando com uma naturalidade que nenhum parque temático conseguiria imitar.

Barrancas de Belgrano

Belgrano

As Barrancas de Belgrano são um dos espaços públicos mais queridos e menos conhecidos de Buenos Aires. O parque, traçado por Carlos Thays no final do século XIX sobre a borda do antigo barranco que dava para o rio, combina uma topografia incomum para Buenos Aires com vegetação frondosa e uma atmosfera de bairro tranquilo que o resto da cidade foi perdendo.

O desnível do terreno — que em alguns pontos supera os dez metros — cria perspectivas e escalas que os parques planos da cidade não conseguem reproduzir. As trilhas que descem pelo barranco, as escadarias que conectam os diferentes níveis e os bancos nos mirantes formam um parque que se experimenta de maneira diferente segundo a hora e a estação. Aos domingos, a feira de artesãos que se instala em seus caminhos internos transforma as Barrancas em um dos pontos de encontro mais movimentados do bairro.

NOTA DO AUTOR

As Barrancas de Belgrano são a prova de que uma boa topografia pode fazer um grande parque. Thays entendeu que o desnível era o maior trunfo do terreno e o transformou no elemento estruturador do projeto.

Barrio Chino de Belgrano

Belgrano

O Barrio Chino de Buenos Aires é o único da Argentina e um dos menores do mundo: apenas duas quadras da rua Arribeños entre Juramento e o Río de la Plata. O que falta em extensão sobra em densidade: essas duas quadras concentram supermercados de produtos asiáticos, restaurantes de culinária chinesa, taiwanesa e japonesa, lojas de artigos decorativos e ervanarias.

A comunidade chinesa começou a se instalar nesta parte de Belgrano nos anos oitenta, atraída por aluguéis acessíveis e pela proximidade do Mercado de Belgrano. Hoje a comunidade asiática em Buenos Aires inclui chineses, taiwaneses, coreanos e japoneses, e o Barrio Chino é o ponto mais visível dessa presença. A celebração do Ano-Novo Chinês — com seu desfile de dragões, fogos de artifício e a multidão que transborda as duas quadras — é um dos espetáculos de rua mais concorridos da cidade.

NOTA DO AUTOR

O Barrio Chino é pequeno, mas denso. Nessas duas quadras há mais variedade de produtos, culinárias e culturas asiáticas do que em bairros chineses bem maiores de outras cidades latino-americanas. A escala compacta torna fácil de percorrer e difícil de esquecer.

La Redonda — Basílica da Imaculada Conceição

Belgrano

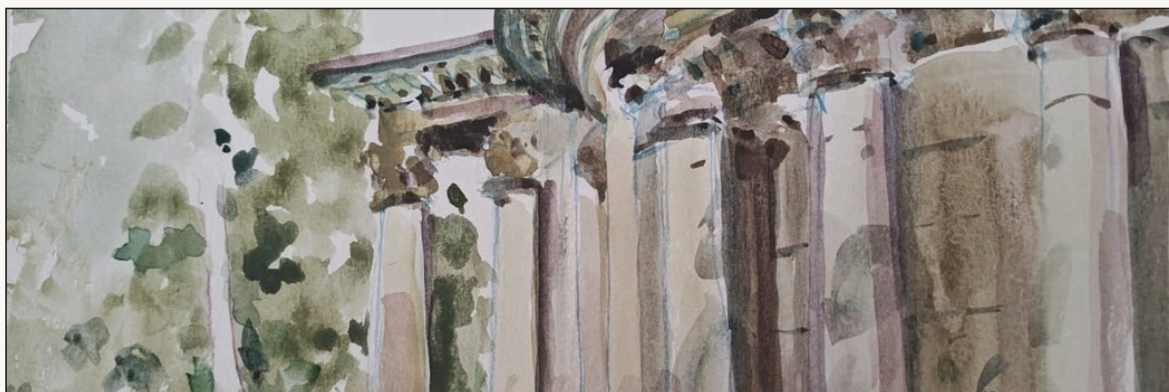


Foto C. Firvida

Os portenhos a chamam de La Redonda, e o nome explica tudo: a Basílica de Nuestra Señora de la Inmaculada Concepción tem planta circular com uma grande cúpula central que a torna um objeto arquitetônico único em Buenos Aires. Inaugurada em 1878 segundo projeto do arquiteto Ernesto Bunge, sua cúpula de trinta e cinco metros de diâmetro é uma das maiores da cidade.

Bunge projetou um templo de inspiração neobizantina com referências aos grandes edifícios de cúpula da tradição cristã: Santa Sofia de Constantinopla e o Panteão de Roma. A cúpula, sustentada por oito pilares que liberam o espaço central, cria uma luminosidade interior incomum na arquitetura religiosa argentina. O interior é decorado com mosaicos e afrescos que cobrem as superfícies da cúpula e das capelas laterais com uma densidade ornamental que contrasta com a austeridade da fachada externa.

NOTA DO AUTOR

La Redonda é o edifício de Buenos Aires que mais surpreende os arquitetos que o visitam pela primeira vez. Essa planta circular no coração de Belgrano não tem precedentes na arquitetura portenha e continua tão estranha e tão bela quanto no dia da inauguração.

BOEDO



— Café Margot — o bar de Boedo

Café Margot — o bar de Boedo

Boedo

A Avenida Boedo tem seu próprio bar notável e seu próprio mito gastronômico. O Café Margot, declarado Bar Notable da Cidade de Buenos Aires, é o ponto de encontro do bairro desde o início do século XX: suas mesas de mármore, seu balcão de madeira e suas janelas para a avenida viram passar décadas de vida portenha sem grandes mudanças na decoração nem no espírito do lugar.

Boedo é o bairro do tango, do sainete e da literatura popular: o bairro de Homero Manzi, de José González Castillo e da geração de 1920 que discutia política e arte nos mesmos cafés onde se jogava xadrez. O Café Margot sobreviveu a essa história e a conserva em suas paredes. O sanduíche de peru é o prato mais pedido do bairro há décadas, uma instituição tão enraizada quanto o próprio bar.

NOTA DO AUTOR

O Café Margot é o tipo de lugar que faz de Boedo Boedo, e não outro bairro qualquer. Sem esse bar na esquina, a Avenida Boedo seria só mais uma avenida. Com ele, é o centro de gravidade de um bairro que ainda se reconhece.

CABALLITO

- Barrio Cafferata — cidade-jardim portenha
- Bonde Histórico de Caballito
- Parque Rivadavia e a feira de livros
- Pasaje Florencio Balcarce

Barrio Cafferata — cidade-jardim portenha

Caballito

No bairro de Parque Chacabuco, a poucas quadras da Avenida San Juan, existe um conjunto de casas que parece pertencer a outra cidade. O Barrio Cafferata foi construído entre 1912 e 1921 pela Comisión Nacional de Casas Baratas como um dos primeiros projetos de habitação social da Argentina. Suas cem casas térreas com jardim na frente, suas ruas de paralelepípedos e suas calçadas arborizadas criam uma intimidade e tranquilidade que o centro de Buenos Aires perdeu há muito tempo.

O projeto seguiu os princípios das cidades-jardim inglesas de Ebenezer Howard: casas unifamiliares de baixa densidade com espaços verdes próprios e comuns, separadas da rua por jardins frontais que criam uma transição suave entre o espaço público e o privado. Esse modelo encontrou no Cafferata sua versão mais modesta e mais bem-sucedida em Buenos Aires. O conjunto foi declarado Área de Proteção Histórica.

NOTA DO AUTOR

O Barrio Cafferata demonstra que a habitação social pode ser bela, digna e durável quando concebida como projeto urbano, e não como solução emergencial. Essas casas de 1912 continuam habitadas e continuam desejáveis: essa é a prova definitiva do bom projeto.

Bonde Histórico de Caballito

Caballito

Buenos Aires teve, em seu tempo, a rede de bondes mais extensa da América Latina. Centenas de linhas conectavam todos os bairros da cidade com uma eficiência que o automóvel particular destruiu em poucas décadas. Em 1963, o último bonde regular desapareceu das ruas portenhas, vítima da mesma lógica que, no mundo todo, privilegiou o carro em detrimento do transporte público.

O Bonde Histórico de Caballito é o único sobrevivente dessa história: o único bonde que ainda circula pelas ruas de Buenos Aires. Percorre um circuito de poucas quadras em Caballito sobre os trilhos originais preservados quando o serviço regular foi suspenso, e funciona aos sábados e domingos como museu itinerante. Os carros são originais, restaurados pelos moradores que fundaram a associação que mantém viva essa relíquia do transporte urbano.

NOTA DO AUTOR

O bonde de Caballito provoca uma emoção desproporcional ao seu tamanho. Esses poucos minutos viajando em um carro de 1930 que atravessa as ruas do bairro são uma máquina do tempo que nenhum museu estático conseguiria substituir.

Parque Rivadavia e a feira de livros

Caballito

Caballito é o bairro mais central de Buenos Aires, e o Parque Rivadavia é seu coração. O parque — pouco mais de quatro hectares — combina vegetação frondosa com equipamentos esportivos, áreas de recreação e uma feira de livros usados que funciona há décadas em seus caminhos internos e que, para muitos portenhos, é o principal motivo da visita.

A feira de livros usados do Parque Rivadavia é a mais antiga e mais popular de Buenos Aires. As barracas que se instalam sob as árvores nos fins de semana oferecem uma variedade que vai dos clássicos da literatura universal a revistas antigas, quadrinhos argentinos e livros técnicos de segunda mão. Os livreiros do Parque Rivadavia estão há décadas na mesma banca e conhecem seu estoque com uma precisão que nenhum algoritmo de livraria digital consegue igualar.

NOTA DO AUTOR

A feira de livros do Parque Rivadavia é um dos poucos lugares de Buenos Aires onde o tempo do comércio coincide com o tempo da leitura. Dá para passar uma hora procurando um livro nessas bancas com a mesma disposição com que se o leria.

Pasaje Florencio Balcarce

Caballito



Foto C. Firvida

Esta passagem teve três nomes antes de ficar com o atual. Primeiro foi Videla Dorna, em homenagem à família que, até os anos vinte, ocupou um palacete construído em 1886 nestes terrenos. Depois a municipalidade a chamou de África em 1933 — ninguém soube bem por quê, e os moradores não gostaram.

Em 1945, dois escritores que moravam ali, Rafael Alberto Arrieta e Conrado Nalé Roxlo, convenceram as autoridades a mudar o nome. Propuseram homenagear Florencio Balcarce, poeta morto aos vinte e um anos no século XIX, mas que deixou uma obra carregada de emoção. Era filho do general Marco Balcarce, que deu nome à cidade bonaerense, e viveu o suficiente para escrever versos que seus contemporâneos reconheceram como excepcionais. A passagem é tranquila e arborizada, ladeada por casas térreas típicas do Caballito do início do século XX.

NOTA DO AUTOR

O Pasaje Florencio Balcarce guarda uma história cultural que poucos conhecem. Que dois escritores vizinhos tenham convencido a municipalidade a renomear uma rua em homenagem a um poeta morto aos vinte e um anos é uma história que vale a pena contar.

CHACARITA

— Cemitério da Chacarita

Cemitério da Chacarita

Chacarita

O Cemitério da Chacarita é o maior cemitério da Argentina e um dos maiores da América Latina. Seus setenta hectares abrigam mais de um milhão de sepulturas — dez vezes mais que o da Recoleta — e sua história está ligada à origem trágica da epidemia de febre amarela de 1871, que matou mais de treze mil pessoas em Buenos Aires e obrigou a abertura de um novo cemitério de emergência longe do centro.

Diferentemente do Cemitério da Recoleta — aristocrático, compacto, escultórico —, a Chacarita tem a escala e a heterogeneidade da cidade popular. Aqui estão enterrados Carlos Gardel, Juan Domingo Perón, Aníbal Troilo, Osvaldo Pugliese e dezenas de figuras do tango, da política e da cultura argentina. O túmulo de Gardel é o mais visitado: seus admiradores deixam cigarros acesos entre os dedos de bronze da estátua que o coroa, mantendo viva uma tradição que se repete desde 1935.

NOTA DO AUTOR

A Chacarita é o cemitério de Buenos Aires que mais me interessa como espaço urbano. Sua escala é a de uma cidade dentro da cidade, com avenidas, praças e bairros. A Recoleta é um museu; a Chacarita é um bairro.

COGHLAN

— Estação Coghlan e seu bairro

Estação Coghlan e seu bairro

Coghlan



Foto C. Firvida

Coghlan é um dos bairros menos conhecidos de Buenos Aires e um dos mais tranquilos. Nasceu como vila ferroviária no final do século XIX, quando a Ferrocarril Central Argentino instalou suas oficinas no extremo norte da cidade, e leva o nome do engenheiro irlandês John Coghlan, diretor da empresa na época. A estação de madeira e as casas de tijolo que cercam os trilhos ainda conservam a fisionomia dessa origem.

O bairro tem apenas quatro mil habitantes — o menos populoso de Buenos Aires — e essa escala íntima é sua característica mais singular em uma cidade de três milhões. As ruas arborizadas, as casas térreas com jardim e a ausência de prédios altos criam um ambiente de vila tranquila que contrasta com a intensidade do resto da cidade. A Estação Coghlan, com sua estrutura de madeira e chapa pintada, é uma relíquia da ferrovia inglesa que o bairro preservou com uma fidelidade que poucos lugares de Buenos Aires conseguem igualar.

O espaço verde que cerca a estação, a Plazoleta Coghlan, foi declarado Área de Proteção Histórica. Ali funciona também a Biblioteca Popular da estação, reconhecida pela Legislatura portenha, e desde os anos setenta a Associação Amigos da Estação de Coghlan organiza atividades culturais que mantêm vivo o espírito do bairro.

NOTA DO AUTOR

Coghlan é o bairro de Buenos Aires onde mais claramente se percebe que a cidade poderia ter sido diferente. Essa escala de vila, essas ruas sem prédios altos, esse silêncio relativo — tudo demonstra que a densidade não era inevitável: foi uma escolha.



COLEGIALES

— Silos de Dorrego — o Molino Minetti reconvertido

Antigas chácaras e propriedades rurais deram lugar à urbanização com a expansão da ferrovia. Hoje combina áreas residenciais com polos gastronômicos e culturais em ascensão.

Para o viajante:

Colegiales é o bairro que acorda tarde e dorme tarde. Seus bares e galerias de arte emergente são refúgio para quem busca algo além do óbvio.

Silos de Dorrego — o Molino Minetti reconvertido

Colegiales



Foto C. Firvida

Na rua Dorrego, no limite entre Colegiales e Palermo Hollywood, ergue-se um conjunto de edifícios cuja origem real poucos portenhos identificariam. Os Silos de Dorrego foram, a partir de 1921, o Molino Minetti: uma planta de moagem de trigo com seu edifício de tijolos e uma bateria de silos conectados por vias próprias à ferrovia, que trazia o trigo da pampa e despachava a farinha já moída.

O moinho funcionou até a década de 1980. Em 1993 o conjunto industrial foi reciclado para uso residencial e de escritórios, preservando a estrutura original dos dois corpos de edifício de tijolos —de cerca de 30 por 80 metros cada— e reinterpretando os silos como volumes curvos de moradia. O resultado é um complexo com parque, piscina e escala de condomínio fechado, que conserva, portas adentro, a lógica industrial que lhe deu origem, ainda que a maioria de seus vizinhos não saiba disso.

NOTA DO AUTOR

Os Silos de Dorrego são um bom exemplo de que reciclar nem sempre significa transformar em museu. Aqui a indústria se converteu em moradia de forma tão completa que o edifício perdeu sua leitura original. Como arquiteto, me interessa esse tipo de reciclagem silenciosa, aquela que não exhibe seu passado, mas simplesmente o herda.



CONGRESO

- Avenida Corrientes — a rua que nunca dorme
- Plaza Lavalle e seu conjunto monumental
- Confitería del Molino — patrimônio restaurado
- Bar La Paz — o bar do xadrez
- Palácio do Congresso Nacional

Avenida Corrientes — a rua que nunca dorme

Congreso

A Avenida Corrientes é a rua mais cultural de Buenos Aires e uma das mais singulares da América Latina. Seu apelido — a rua que nunca dorme — não é exagero: as livrarias que abrem até as duas da madrugada, os teatros que encerram suas sessões depois da meia-noite e os bares que recebem atores e espectadores após o espetáculo criam uma vida noturna sem equivalente na cidade.

O trecho entre a rua Callao e o Obelisco concentra a maior densidade de sebos da Argentina. Esses sebos — muitos com décadas de história no mesmo endereço — são também lugares de conversa e descoberta: o livreiro que conhece seu estoque de cor, a seção de filosofia que se mistura com a de poesia, o livro improvável que aparece onde menos se espera. A tradição teatral da Corrientes é igualmente forte: do teatro oficial ao teatro independente de salas pequenas, a avenida tem a maior concentração de espetáculos da cidade.

NOTA DO AUTOR

A Avenida Corrientes é o único lugar de Buenos Aires onde, às duas da madrugada, pode haver mais gente comprando livros do que tomando cerveja. Essa anomalia cultural — a cidade que lê à noite — é o que torna Buenos Aires uma cidade diferente.

Plaza Lavalle e seu conjunto monumental

Congreso

A Plaza Lavalle é um dos conjuntos urbanos mais notáveis de Buenos Aires, embora poucos guias turísticos lhe dediquem a atenção que merece. O espaço verde que se estende entre as ruas Talcahuano, Tucumán, Libertad e Lavalle é emoldurado por três dos edifícios mais importantes da cidade: o Teatro Colón a oeste, o Palácio da Justiça a leste e o Teatro Nacional Cervantes ao norte.

Essa concentração de arquitetura institucional de primeira categoria ao redor de um espaço público é excepcional não só em Buenos Aires, mas em qualquer cidade do mundo. O Teatro Nacional Cervantes, inaugurado em 1921, foi construído pelos atores espanhóis María Guerrero e Fernando Díaz de Mendoza e cedido ao Estado argentino. Sua fachada em estilo plateresco espanhol contrasta com o ecletismo acadêmico do Colón e o neoclássico do Palácio da Justiça, criando um diálogo entre três tradições arquitetônicas europeias no mesmo espaço público.

NOTA DO AUTOR

A Plaza Lavalle é o espaço público de Buenos Aires com a maior densidade de arquitetura institucional de primeira categoria. Três edifícios de escala monumental e três tradições estilísticas diferentes convivendo na mesma praça sem estridências: isso é o que define uma boa cidade.

Confitería del Molino — patrimônio restaurado

Congreso

A Confitería del Molino é um dos edifícios mais amados e mais sofridos de Buenos Aires. Inaugurada em 1916, com projeto do arquiteto Francisco Gianotti em um exuberante estilo art nouveau italiano, foi durante décadas o ponto de encontro dos políticos que atravessavam a rua vindos do Congresso. Seu fechamento em 1997 — após décadas de deterioração — foi vivido pelos portenhos como uma perda cultural de primeira grandeza.

O edifício permaneceu fechado e se deteriorando por mais de vinte anos, tornando-se o símbolo mais visível do abandono do patrimônio em Buenos Aires. A restauração, iniciada em 2018 e concluída em 2022, recuperou os mosaicos, os vitrais, as cúpulas e a fachada de cerâmica policromada com uma fidelidade que os especialistas classificaram como um dos trabalhos de restauração mais completos da história argentina. Hoje abre para visitas guiadas, embora ainda não funcione como confeitaria comercial.

NOTA DO AUTOR

A restauração do Molino foi a melhor notícia patrimonial de Buenos Aires em muitos anos. Que um edifício com essa complexidade ornamental — mosaicos, vitrais, cúpulas, cerâmica policromada — tenha sido recuperado com essa fidelidade prova que é possível quando há vontade política e recursos.

Bar La Paz — o bar do xadrez

Congreso

Na esquina de Corrientes com Montevideo, a poucos metros do Obelisco e a poucas quadras do Congresso, o Bar La Paz é há décadas um dos pontos de encontro da vida intelectual e boêmia de Buenos Aires. O La Paz que a maioria dos portenhos conhece — o térreo, com suas mesas e seu balcão — é só metade do bar. O primeiro andar, com mesas mais reservadas e uma atmosfera mais íntima, foi por anos o espaço onde os jogadores de xadrez se instalavam por horas com seus tabuleiros.

A Avenida Corrientes teve uma tradição de bares com mesas de xadrez que se estendeu dos anos quarenta até bem entrado o século XXI. Essa tradição fez do La Paz um dos centros da vida enxadrística portenha. O bar foi declarado Bar Notable da Cidade de Buenos Aires, distinção que reconhece seu valor como espaço de sociabilidade cultural.

NOTA DO AUTOR

O Bar La Paz foi um dos meus bares de xadrez por anos. Há algo na combinação do café, do barulho da Corrientes lá fora e do silêncio da partida que não se reproduz em nenhum outro contexto. Um bar que permite esse silêncio em meio a tanto barulho é um bar que entende a cidade.

Palácio do Congresso Nacional

Congreso



Foto C. Firvida

O Palácio do Congresso Nacional é um dos edifícios mais reconhecíveis de Buenos Aires e um dos maiores prédios legislativos do mundo. Construído entre 1896 e 1906 segundo projeto do arquiteto italiano Vittorio Meano, sua grande cúpula de bronze, com oitenta metros de altura, domina o horizonte do Congresso a partir de todas as avenidas que convergem para a Plaza del Congreso.

Meano projetou um edifício de ecletismo acadêmico com referências ao Capitólio de Washington e ao Parlamento de Budapeste: uma cúpula central, duas alas simétricas e uma fachada com colunatas e frontões que expressa em pedra a aspiração republicana da Argentina do início do século XX. O interior — com seus salões de sessões, escadarias de mármore e afrescos alegóricos — pode ser visitado com guia nos dias sem sessão parlamentar.

NOTA DO AUTOR

O Palácio do Congresso é o edifício de Buenos Aires que mais claramente expressa a ambição política e arquitetônica da geração de 1880. Aquela cúpula de bronze visível desde o Obelisco foi projetada para ser vista: é uma declaração de que a Argentina queria ser levada a sério como nação.

CONSTITUCIÓN

- Estação Constitución
- Mural gigante de Maradona

Cresceu ao redor de um dos principais terminais ferroviários do país. Historicamente ligado ao transporte e ao comércio, mantém-se como um importante nó de mobilidade e atividade urbana.

Para o viajante:

A Estação Constitución é uma catedral de ferro por onde cruzam milhões de histórias todos os dias. Fique parado em seu hall e sinta a energia de uma cidade que nunca dorme.

Estación Constitución

Constitución

A Estación Constitución é o terminal ferroviário mais importante do sul do país. Inaugurada em sua forma atual em 1887, o edifício foi reconstruído e ampliado em várias etapas até adquirir sua fisionomia definitiva no século XX. Seu hall central, com vigas de ferro e claraboias, processa diariamente a movimentação de centenas de milhares de pessoas que conectam a cidade com a periferia sul.

A estação é também um símbolo da complexidade social portenha: nenhum espaço da cidade concentra tanta diversidade humana em tão pouco tempo. Imigrantes, trabalhadores, vendedores ambulantes, estudantes e turistas dividem suas plataformas em uma dança caótica que resume, melhor do que qualquer museu, a verdadeira Buenos Aires do século XXI.

NOTA DO AUTOR

Constitución não é uma estação bonita. É uma estação verdadeira. E nessa verdade — nesse hall desgastado por milhões de passos — há mais Buenos Aires do que em qualquer fachada restaurada.

Mural gigante de Maradona

Constitución

Na esquina da Avenida San Juan com a rua Salta, no bairro de Constitución, existe desde 2016 um dos maiores murais de Buenos Aires. A imagem de Diego Armando Maradona — pintada pelo artista Martín Ron — ocupa toda a parede lateral de um edifício de seis andares e reproduz em escala monumental a fotografia mais icônica do jogador: o cabelo cacheado, a camisa da Argentina, o olhar concentrado.

Martín Ron é o muralista argentino com maior projeção internacional, conhecido por seus hipnóticos retratos em grande escala em cidades ao redor do mundo. O de Maradona em Constitución é um de seus trabalhos mais visitados: a precisão técnica do retrato, que mantém o realismo apesar das dimensões, e a escolha de Constitución — um bairro de forte identidade popular — como local, fazem do mural um dos monumentos mais autênticos ao jogador que existem na cidade.

NOTA DO AUTOR

O mural de Maradona em Constitución é um monumento mais honesto do que qualquer estátua de bronze. Está em um bairro popular, pintado em uma parede lateral, acessível da rua sem entrada nem horário. Essa democracia da arte pública é exatamente o que Maradona representou.

FLORES

— Basílica de San José de Flores

Antiga vila independente absorvida pela cidade no século XIX, teve papel importante na história política argentina. Hoje é um bairro diverso, densamente povoado e com intensa atividade comercial.

Para o viajante:

Flores foi o bairro de Hipólito Yrigoyen, duas vezes presidente da Argentina, cuja casa ainda hoje testemunha uma época de sonhos radicais.

Basílica de San José de Flores

Flores

A Basílica de San José de Flores, construída entre 1831 e 1883 sobre o traçado de uma capela colonial anterior, é um dos templos mais importantes da história religiosa argentina. Sua arquitetura neorromântica, com torres gêmeas e nave central de grande altura, domina a paisagem do bairro há quase dois séculos. Foi declarada Monumento Histórico Nacional.

A basílica tem um lugar único na história contemporânea: aqui foi batizado Jorge Mario Bergoglio, e aqui, aos 17 anos, ele viveu a vocação religiosa que o levaria a se tornar o Papa Francisco. Uma placa comemora o momento em que o futuro pontífice sentiu, diante do confessionário do padre Carlos Duarte Ibarra, que Deus o esperava.

NOTA DO AUTOR

Há igrejas mais monumentais em Buenos Aires, mas poucas com uma história tão carregada de presente. A Basílica de Flores conecta o século XIX ao XXI através da figura mais reconhecida do catolicismo mundial.

FLORESTA

— Estádio Islas Malvinas — Club All Boys

Nasceu ao redor da ferrovia e das casas de campo suburbanas do oeste da cidade, conservando uma forte identidade residencial. Hoje combina tradição de bairro com atividade comercial de escala local.

Para o viajante:

Floresta é o bairro do chimarrão na calçada e das conversas que se estendem até de madrugada.

Estádio Islas Malvinas — Club All Boys

Floresta

O estádio Islas Malvinas do Club Atlético All Boys, inaugurado em 1913, é o estádio de futebol em uso mais antigo de Buenos Aires. Sua estrutura original foi substituída por arquibancadas de concreto ao longo do século XX, mas o espírito de bairro que define o clube desde sua fundação permanece intacto.

O All Boys é um dos clubes mais queridos do futebol argentino sem nunca ter vencido um campeonato de primeira divisão. Sua história é a do futebol popular: paixão desmedida, poucos recursos e uma fidelidade dos moradores que, geração após geração, enche suas arquibancadas com o mesmo fervor. O estádio, cravado em Floresta, é um testemunho de que o esporte portenho não precisa de grandes orçamentos para ter identidade.

NOTA DO AUTOR

O All Boys é o clube dos que escolhem o bairro em vez do resultado. Seu estádio centenário é mais honesto do que muitos estádios novos: diz o que é sem disfarces.

LA BOCA

- Caminito
- La Bombonera — Estádio Alberto J. Armando
- Fundación Proa
- La Vuelta de Rocha
- Ponte Transportadora Avellaneda
- Museu de Belas Artes de La Boca — Quinquela Martín
- O cortiço — patrimônio vivo de La Boca

Caminito

La Boca

Caminito é, provavelmente, o lugar mais fotografado de Buenos Aires. As fachadas de chapa pintadas em cores intensas, as figuras de tango nas esquinas e os restaurantes com toalhas xadrez compõem um cartão-postal que o mundo identifica instantaneamente com a cidade. Mas por trás dessa imagem há uma história mais complexa e mais interessante.

Caminito nem sempre foi um passeio. Até o início do século XX era simplesmente o leito de um córrego que desaguava no Riachuelo, ladeado pelos cortiços dos imigrantes que chegavam ao porto. Foi o pintor Benito Quinquela Martín quem, em meados do século XX, impulsionou a transformação do lugar em um passeio a céu aberto, convencendo os moradores a pintar suas fachadas com as tintas que sobravam dos estaleiros. O que o turista geralmente não vê é que Caminito é apenas a ponta do iceberg de um bairro que se estende muito além dessa rua.

NOTA DO AUTOR

Caminito é o lugar onde Buenos Aires decidiu se mostrar ao mundo em sua versão mais pitoresca. Isso tem seus problemas — a turistificação é real —, mas também há algo genuíno nessa decisão coletiva de transformar necessidade em identidade.

La Bombonera — Estádio Alberto J. Armando

La Boca

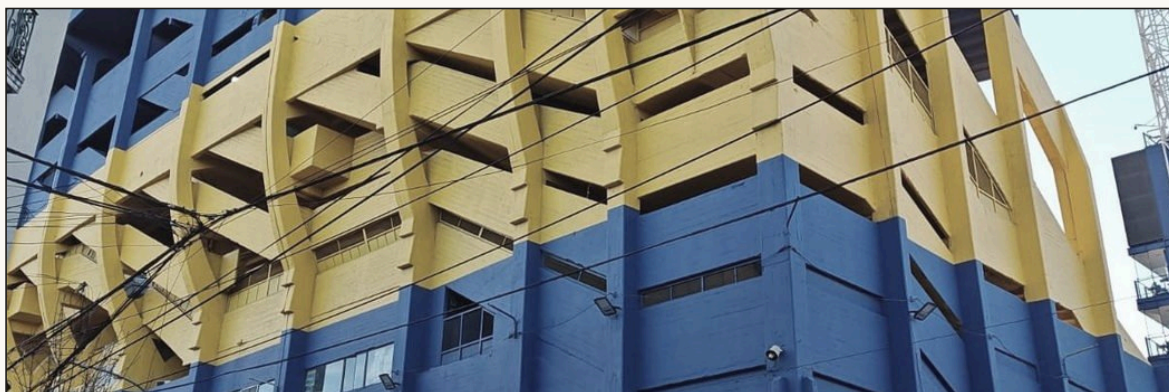


Foto C. Firvida

Há estádios de futebol e há templos. La Bombonera é as duas coisas. O estádio Alberto J. Armando, universalmente conhecido como La Bombonera por sua forma quadrada e compacta que lembra uma caixa de bombons, é um dos espaços arquitetônicos mais singulares do mundo.

O edifício foi projetado em 1938 pelo arquiteto Viktor Sulčič, com os engenheiros José Luis Delpini e Raúl Bes, e inaugurado em 1940. A decisão de construir três arquibancadas verticais e uma única plateia baixa — imposta pelas dimensões do terreno no coração do bairro — resultou em uma acústica e uma proximidade entre o público e o campo que nenhum estádio moderno conseguiu reproduzir. Quando La Bombonera treme, treme literalmente: as estruturas ressoam com o pulo sincronizado de cinquenta mil pessoas. As visitas guiadas permitem percorrer os vestiários originais, o túnel de acesso ao campo e o Museo de la Pasión Boquense.

NOTA DO AUTOR

La Bombonera é o único estádio que conheço onde as restrições do terreno produziram uma arquitetura melhor do que a que resultaria de ter espaço livre. A necessidade de encaixar o estádio na malha urbana gerou essa verticalidade que o torna único.

Fundación Proa

La Boca

No extremo sul de Caminito, onde o passeio turístico se dissolve à beira do Riachuelo, encontra-se um dos espaços de arte contemporânea mais importantes da América Latina. A Fundación Proa ocupa um edifício do início do século XX cuidadosamente restaurado, com vistas diretas para o rio e uma programação que já incluiu exposições de Duchamp, Mondrian e Warhol, entre muitos outros.

A Fundación foi criada em 1996 com o objetivo de instalar em La Boca um espaço de arte de nível internacional. O edifício foi reformado pelos arquitetos Guillermo Bhrom e Federico Cairolí, que conseguiram preservar a fachada histórica enquanto transformavam o interior em um espaço expositivo flexível e moderno. O terraço com vista para o Riachuelo e para a Ponte Nicolás Avellaneda é um dos mirantes mais singulares da cidade. O café da Proa, com seu terraço sobre o rio, é também um destino em si mesmo.

NOTA DO AUTOR

A Proa demonstrou que é possível instalar um espaço de arte de primeiro nível em um bairro historicamente relegado sem deixar o bairro de fora do projeto. A decisão de localizá-la em La Boca foi também uma declaração sobre que cidade Buenos Aires queria ser.

La Vuelta de Rocha

La Boca

Há um lugar em La Boca onde o Riachuelo faz uma curva e a cidade parece parar. La Vuelta de Rocha — assim chamada pela curva que o rio desenha nesse ponto — é uma das paisagens urbanas mais retratadas por artistas e uma das menos conhecidas do público em geral. Quinquela Martín a pintou dezenas de vezes. Os fotógrafos portenhos voltam a ela a cada estação.

Da margem, a vista inclui a Ponte Transportadora Nicolás Avellaneda ao fundo, as barcas e rebocadores que ainda navegam pelo Riachuelo, e as fachadas dos depósitos e galpões industriais que margeiam o rio. É uma imagem que combina a escala monumental da infraestrutura portuária com a textura rústica de um bairro que se construiu com os materiais do próprio porto. O nome vem de Tomás de Rocha, um dos primeiros moradores que se estabeleceu naquela margem no final do século XVIII.

NOTA DO AUTOR

La Vuelta de Rocha é o lugar de Buenos Aires que mais se parece com uma pintura de Quinquela. Não porque seja idealizado, mas porque o pintor viu exatamente o que havia ali: uma beleza áspera que a maioria das pessoas via sem enxergar.

Ponte Transportadora Avellaneda

La Boca

Poucas obras de engenharia em Buenos Aires têm a presença física e a carga histórica da Ponte Transportadora Nicolás Avellaneda. Suas estruturas de aço pintadas em vermelho-óxido dominam o horizonte do Riachuelo desde 1914, conectando La Boca a Barracas com uma monumentalidade que nenhuma outra ponte da cidade consegue igualar.

O sistema de transporte — uma plataforma suspensa que levava veículos e pessoas de uma margem à outra sem tocar a água — foi uma solução de engenharia que permitia a passagem de navios de grande calado sem interromper o tráfego fluvial. A ponte deixou de operar em 1960 e, desde então, permanece como um testemunho monumental da engenharia portuária do início do século XX. Foi declarada Monumento Histórico Nacional em 1997. Suas torres de 55 metros de altura e suas vigas treliçadas deixam visível cada componente da estrutura.

NOTA DO AUTOR

A Ponte Avellaneda é a única obra de engenharia em Buenos Aires que rivaliza em presença com as grandes pontes das cidades europeias. Que ela esteja em La Boca — o bairro mais relegado da cidade — diz algo sobre como a beleza urbana é distribuída.

Museu de Belas Artes de La Boca — Quinquela Martín

La Boca

Benito Quinquela Martín nasceu em um cortiço de La Boca em 1890, foi abandonado ao nascer e adotado por uma família de carvoeiros. Morreu em 1977 como o pintor mais popular da Argentina e um dos mais conhecidos da América Latina. O museu que leva seu nome funciona no mesmo edifício onde o artista viveu e trabalhou por décadas.

O ateliê do pintor, conservado tal como estava em vida de Quinquela, é um dos espaços mais emocionantes do museu: os pincéis, as paletas e os cavaletes falam de um jeito de trabalhar inseparável do lugar onde se trabalhava. A coleção permanente inclui mais de novecentas obras do artista, além de trabalhos de outros pintores da escola boquense. Quinquela foi também um filantropo extraordinário: com a renda de sua pintura, construiu uma escola, um teatro, um jardim de infância e o próprio museu, todos doados ao bairro.

NOTA DO AUTOR

Quinquela é o artista que melhor explica La Boca. Não porque tenha embelezado o bairro, mas porque viu em sua aspereza uma dignidade que o resto da cidade demorou décadas para reconhecer. Sua generosidade — doar tudo ao bairro que o formou — também faz parte desse retrato.

O cortiço — patrimônio vivo de La Boca

La Boca

O cortiço foi a solução habitacional da imigração em massa. Quando, entre 1880 e 1930, chegaram a Buenos Aires mais de três milhões de imigrantes europeus, a cidade não tinha infraestrutura para abrigá-los. As casas antigas do sul foram subdivididas em quartos mínimos, alugados para famílias inteiras. Esses quartos davam para um pátio comum onde se cozinhava, se lavava roupa, se criavam os filhos e se construía uma nova identidade coletiva.

La Boca foi o bairro dos cortiços por excelência. Os imigrantes que chegavam pelo Riachuelo se instalavam perto do porto: italianos do sul, espanhóis, iugoslavos, gregos, judeus do leste europeu. As fachadas de chapa pintadas em cores vivas não são uma escolha artística original: são o resultado de usar os materiais disponíveis no porto — a chapa que sobrava dos navios, a tinta que restava nos depósitos. O cortiço de La Boca é a arquitetura da necessidade transformada em identidade.

NOTA DO AUTOR

O cortiço é a origem de quase tudo o que torna Buenos Aires única: o tango, o lunfardo, a mistura de culturas, a culinária portenha. Aquele pátio compartilhado, onde conviviam dez idiomas diferentes, é o laboratório onde se fabricou a identidade da cidade.

LA PATERNAL

— Estádio Diego Armando Maradona

Formado no início do século XX ao redor de loteamentos operários e novas infraestruturas urbanas, mantém uma forte identidade comunitária. Atualmente é um bairro residencial de escala média e vida local ativa.

La Paternal é conhecida por seu profundo vínculo com Diego Maradona, que viveu aqui entre 1978 e 1980 durante sua passagem pelo Argentinos Juniors. O estádio do clube — rebatizado Diego Armando Maradona — é o cenário onde o garoto de ouro se formou como profissional.

Para o viajante:

La Paternal é o bairro de Maradona: aqui ele nasceu, aqui aprendeu a jogar nas ruas de terra, aqui se forjou o garoto de ouro. Na rua Lascano 2257, a pequena casa-museu onde Maradona morou com sua família está aberta a visitas, e o estádio do Argentinos Juniors — o menor da primeira divisão — guarda a memória do maior jogador da história argentina. Um bairro que não precisa de monumentos: tem algo melhor.

Estádio Diego Armando Maradona

La Paternal

O estádio do Club Atlético Argentinos Juniors, rebatizado Diego Armando Maradona em homenagem ao jogador que se formou ali entre 1976 e 1981, é o menor dos estádios de primeira divisão da Argentina. Com capacidade para apenas 26 mil espectadores, sua geometria compacta cria uma intensidade acústica que estádios dez vezes maiores não conseguem reproduzir.

Foi nesse estádio que um adolescente de 15 anos chamado Diego Maradona estreou na primeira divisão, em 22 de outubro de 1976. O campo pequeno, os camarotes que quase tocam o gramado e a arquibancada popular inclinada sobre o campo formam um espaço onde a relação entre o jogador e o público alcança uma proximidade difícil de encontrar no futebol moderno.

NOTA DO AUTOR

Há algo paradoxal no fato de o maior jogador da história ter nascido, como futebolista, no menor dos estádios. Mas esse paradoxo é Maradona: o que há de mais grandioso sempre veio do mais humilde.

LINIERS

— Las Mil Casitas — bairro ferroviário de Liniers

Las Mil Casitas — bairro ferroviário de Liniers

Liniers

Las Mil Casitas é um daqueles bairros dentro do bairro que Buenos Aires produz espontaneamente. O nome popular designa um conjunto de casas unifamiliares construídas nos anos vinte para abrigar os trabalhadores da ferrovia — muitos deles imigrantes ingleses — que assentavam e mantinham os trilhos do ramal norte.

Cem anos depois, essas casas de tijolo aparente com jardim na frente e telhados de telha continuam habitadas e notavelmente bem conservadas. Reproduzem os modelos do cottage inglês suburbano que a ferrovia britânica exportou para o mundo todo junto com suas locomotivas: pequenas, com jardim, com um senso de privacidade e escala doméstica que contrasta com a densidade do entorno portenho. É um fragmento sobrevivente da Buenos Aires que a ferrovia inglesa construiu à sua imagem nos bairros que nasceram ao redor de suas oficinas e estações.

NOTA DO AUTOR

Las Mil Casitas é um dos poucos lugares de Buenos Aires onde ainda se pode ver a marca física da ferrovia inglesa além das estações. Essas casas de tijolo e telha, construídas para os trabalhadores da linha, são um documento da história urbana que poucos livros mencionam.

MATADEROS

- Feira de Mataderos
- Barrio Los Perales — habitação social peronista
- Mercado de Hacienda de Mataderos

Feira de Mataderos

Mataderos

A Feira de Mataderos é a experiência mais autêntica de cultura popular argentina que Buenos Aires oferece. Enquanto as feiras de San Telmo e Recoleta atendem principalmente ao turismo e ao consumo urbano de design, a Feira de Mataderos é outra coisa: é a pampa instalada na cidade, o folclore do interior transportado para os currais históricos do bairro mais pecuário de Buenos Aires.

Nos domingos em que funciona — de março a dezembro —, Mataderos se transforma em um pedaço do interior dentro da capital. A feira ocupa as ruas ao redor da Plaza de los Corrales com artesanato de todo o país, demonstrações de doma criolla, habilidades gaúchas e música folclórica ao vivo. A comida é parte central da experiência: empanadas, locro, linguiças e quitutes caseiros são vendidos nas bancas ao redor da praça. O público mistura famílias do bairro, turistas e portenhos de outros distritos que vão especificamente pela experiência.

NOTA DO AUTOR

A Feira de Mataderos é o lugar de Buenos Aires onde a Argentina profunda — a do interior, a do gaúcho, a do folclore — aparece com mais naturalidade e menos artifício. Não é um show para turistas: é um bairro que se reconhece.

Barrio Los Perales — habitação social peronista

Mataderos

Na Avenida Eva Perón com Lisandro de la Torre, em frente ao campo do Nueva Chicago, encontra-se um dos conjuntos habitacionais mais significativos e menos conhecidos da história urbana de Buenos Aires. Los Perales é um bairro de moradias populares construído durante a primeira presidência de Juan Domingo Perón, nos anos quarenta, como parte de uma política de habitação social que transformou o sul da cidade.

O conjunto foi construído seguindo os princípios do urbanismo moderno da época: blocos de altura média com espaços verdes generosos entre os edifícios, equipamentos comunitários integrados ao conjunto residencial — escola, comércio, espaços de convivência — e uma escala que humanizava o projeto de habitação em massa sem cair no gigantismo que caracterizou os grandes conjuntos europeus. Los Perales é um exemplo de como a arquitetura do Estado pode ser generosa e digna sem ser monumental.

NOTA DO AUTOR

Los Perales é o exemplo mais claro de que o peronismo entendeu a habitação popular como uma questão de dignidade, e não apenas de quantidade. A escala humana do conjunto, seus espaços verdes e a integração de equipamentos são uma lição de urbanismo que os empreendimentos privados das últimas décadas raramente igualaram.

Mercado de Hacienda de Mataderos

Mataderos

O Mercado de Hacienda de Buenos Aires é o maior mercado de gado da Argentina e um dos maiores do mundo. Seus duzentos hectares de currais, mangueiros, leilões e frigoríficos no extremo sudoeste da cidade são o ponto final de um circuito que começa nos campos da pampa úmida e termina nos açougues e supermercados da cidade. É uma infraestrutura que a maioria dos portenhos nunca vê, mas da qual dependem todos os dias.

O mercado foi instalado em Mataderos no final do século XIX, quando o crescimento da cidade tornou insustentável a presença de matadouros no centro. Os trilhos da ferrovia que chegavam diretamente aos currais permitiam transportar o gado desde a pampa sem necessidade de conduzi-lo pelas ruas. A arquitetura do conjunto — os galpões de tijolo e ferro, os currais de madeira e a praça central onde ocorrem os leilões — é um dos conjuntos de arquitetura industrial do final do século XIX mais bem preservados de Buenos Aires.

NOTA DO AUTOR

O Mercado de Hacienda é o lugar de Buenos Aires onde mais claramente se percebe a relação histórica entre a cidade e a pampa. Toda a riqueza que construiu o país no século XIX passou por ali — literalmente.

MONTE CASTRO

— Parque Monte Castro

Desenvolvido sobre antigas chácaras suburbanas, cresceu principalmente ao longo do século XX. Hoje é um bairro residencial tranquilo, conhecido por suas casas baixas e espaços comunitários.

Para o viajante:

Monte Castro é o bairro do silêncio e do céu aberto. Suas praças e ruas sem pressa são o antídoto perfeito para a agitação do centro.

Parque Monte Castro

Monte Castro

O Parque Monte Castro, de 22 hectares, é o espaço verde central do bairro que leva seu nome. Criado sobre terrenos que fizeram parte da antiga chácara de Pedro Fernández de Castro — de quem o bairro herda o nome —, o parque foi projetado com um lago artificial, anfiteatro ao ar livre, quadras esportivas e amplas áreas arborizadas que o tornam o pulmão verde do oeste portenho.

O parque é pouco conhecido fora do bairro, o que lhe confere uma tranquilidade difícil de encontrar nos espaços verdes mais populares da cidade. Suas trilhas arborizadas conservam aquele espírito de parque de bairro que os grandes parques de Palermo perderam há décadas.

NOTA DO AUTOR

Monte Castro é a prova de que Buenos Aires tem mais verde do que seus moradores imaginam. Seus parques de bairro, ignorados pelos roteiros turísticos, são talvez os mais autênticos da cidade.

MONTSERRAT

- Edificio Otto Wulff — ecletismo extremo
- Casa Palanti — Palanti na Avenida de Mayo
- Los 36 Billares

Edifício Otto Wulff — ecletismo extremo

Montserrat

A Avenida de Mayo reúne alguns dos edifícios mais ornamentados do ecletismo portenho, mas poucos alcançam a exuberância do Edifício Otto Wulff. Construído entre 1910 e 1913 para o comerciante alemão que lhe dá nome, ocupa uma esquina da Avenida de Mayo com uma presença que combina referências à art nouveau vienense, ao barroco alemão e ao academicismo francês em uma mistura que só a Buenos Aires do início do século XX poderia produzir.

A fachada do Wulff é um programa iconográfico que exige tempo para ser lido em detalhe. As figuras femininas que sustentam as cornijas, os medalhões com cenas alegóricas, as cúpulas que coroam as esquinas e as janelas com molduras vegetais compõem um discurso visual que mistura o mitológico e o decorativo sem interrupção. Na Avenida de Mayo — onde a competição ornamental era a norma —, o Wulff resulta coerente com seu contexto.

NOTA DO AUTOR

O Edifício Wulff está no limite do ecletismo portenho. Um passo a mais e seria kitsch; um passo a menos e seria só mais um edifício da Avenida de Mayo. É exatamente nessa fronteira que reside seu valor como objeto arquitetônico.

Casa Palanti — Palanti na Avenida de Mayo

Montserrat

Mario Palanti é o arquiteto mais singular da história de Buenos Aires. Autor do Palacio Barolo — a representação tridimensional da Divina Comédia de Dante —, Palanti deixou na cidade outras obras que compartilham a mesma ambição simbólica e a mesma exuberância formal. A Casa Palanti, na Avenida de Mayo, é uma das mais interessantes: um edifício de apartamentos que o próprio arquiteto projetou com a mesma intensidade criativa que aplicou em suas obras mais conhecidas.

Palanti chegou à Argentina vindo da Itália em 1909 e encontrou em Buenos Aires uma cidade disposta a aceitar sua arquitetura visionária e excêntrica. A combinação de referências medievais italianas, elementos orientais e decoração simbólica que caracteriza sua obra é tão estranha hoje quanto quando foi construída. Cada detalhe da fachada carrega a marca de um arquiteto que via cada projeto como uma oportunidade de expressar uma visão de mundo.

NOTA DO AUTOR

Palanti é o arquiteto de Buenos Aires que mais me fascina, justamente por ser o mais excêntrico. Um homem que construiu a Divina Comédia em concreto armado na rua Yrigoyen tem com a arquitetura uma relação que nenhum manual de história consegue explicar por completo.

Los 36 Billares

Montserrat



Foto C. Firvida

Na Avenida de Mayo 1271, a poucos passos do Congresso, funciona desde 1894 um dos bares notáveis mais queridos de Buenos Aires. O Los 36 Billares abriu suas portas assim que a própria avenida ficou pronta, combinando o café de sempre com a grande paixão portenha da época: o bilhar. Seu nome não é por acaso — refere-se à quantidade de mesas que chegou a ter — e em seu subsolo lendário ainda se conservam oito mesas de bilhar restauradas, com mais de cento e vinte anos, junto a nove mesas de sinuca.

O edifício que o abriga, de estilo academicista francês, foi construído em 1914 pelos arquitetos Tiphaine e Colmegna para a Companhia de Seguros La Franco Argentina. Por suas mesas passaram escritores como Federico García Lorca, hóspede do vizinho Hotel Castelar, e várias gerações de jornalistas e intelectuais portenhos. O bar fechou em 2013, quando foi comprado por uma rede de pizzarias, mas reabriu em 2014 depois de uma restauração completa que devolveu ao subsolo seu antigo esplendor. Hoje é oficialmente reconhecido como Testemunho Vivo da Memória Cidadã.

NOTA DO AUTOR

O Los 36 Billares tem algo que poucos bares notáveis ainda conservam: o uso original intacto. Não é um café que um dia teve mesas de bilhar; é uma sala de bilhar que também serve café, exatamente como desde 1894. Essa continuidade de função, mais do que a decoração, é o que o torna insubstituível.

NUEVA POMPEYA

— Ponte Uriburu sobre o Riachuelo

Ligado ao desenvolvimento industrial do sul da cidade e à expansão operária do início do século XX, conserva uma forte tradição popular vinculada ao tango e à cultura do trabalho.

Para o viajante:

Nueva Pompeya é o bairro da milonga e de Homero Manzi, que soube cantar o sul com uma tristeza que ainda ressoa.

Ponte Uriburu sobre o Riachuelo

Nueva Pompeya

A Ponte Uriburu, construída em 1914 pela empresa inglesa Dorman Long, é uma das últimas pontes giratórias em uso na América do Sul. Seu mecanismo de rotação — que permite a passagem de embarcações abrindo o tabuleiro sobre seu eixo central — foi projetado para a atividade portuária do Riachuelo, quando o rio era uma artéria comercial ativa.

Hoje a ponte conecta Nueva Pompeya e Barracas a Avellaneda. Embora o Riachuelo já não receba o tráfego fluvial de antigamente, o mecanismo giratório continua operacional. Sua estrutura de ferro rebitado é um testemunho excepcional da engenharia industrial do início do século XX.

NOTA DO AUTOR

O Riachuelo tem má fama e merece melhor imprensa. A Ponte Uriburu, com seu mecanismo de outro século ainda funcionando, é a prova de que há mais história em suas margens do que em muitos museus.

NÚÑEZ

- Estadio Más Monumental — River Plate
- Parque de la Memoria

Estadio Más Monumental — River Plate

Núñez

O Estadio Más Monumental é o maior estádio de futebol da América do Sul. Seus 85.018 lugares — resultado da reforma concluída em 2023, que eliminou a pista de atletismo e aproximou as arquibancadas do campo — criam uma massa arquitetônica que, vista da Avenida Figueroa Alcorta, parece uma cidade dentro da cidade. Inaugurado em 1938 pelo River Plate, o nome oficial incorporou em 2022 o naming da rede Chango Más, embora os torcedores continuem chamando-o de Monumental.

O estádio foi sede da final da Copa do Mundo de 1978, na qual a Argentina venceu a Holanda. A nova ampliação em andamento levará sua capacidade a mais de 100 mil espectadores, tornando o Monumental um dos maiores do planeta.

NOTA DO AUTOR

O Monumental é a escala humana levada ao extremo: 85 mil pessoas cantando juntas criam uma experiência sem equivalente em nenhum outro espaço de Buenos Aires. Como arquiteto, o que mais me interessa no estádio é o que ele alcança sem ornamento: pura forma a serviço da emoção coletiva.

Parque de la Memoria

Núñez

Na margem do Río de la Plata, sobre a Costanera Norte, existe um parque que é, ao mesmo tempo, jardim de esculturas, memorial e mirante. O Parque de la Memoria foi inaugurado em 2007 como homenagem às vítimas do terrorismo de Estado durante a última ditadura militar argentina (1976–1983). Seus catorze hectares à beira do rio abrigam o Monumento às Vítimas e uma coleção de esculturas de artistas argentinos e internacionais.

O Monumento — projetado pelos arquitetos Claudio Ferrari, Adriana Lauría, Anabel Stoppani e Noemí Smolensky — consiste em uma vala em ziguezague de duzentos metros com os nomes dos 30 mil desaparecidos gravados em placas de granito. A decisão de orientá-lo para o rio carrega um peso simbólico deliberado: muitas vítimas foram jogadas no Río de la Plata de aviões, durante os chamados voos da morte.

NOTA DO AUTOR

O Parque de la Memoria é o espaço de memória pública mais bem-sucedido de Buenos Aires. A vala com os nomes, voltada para o rio que recebeu os desaparecidos, tem uma sobriedade e uma força que os monumentos mais grandiloquentes não conseguem igualar.

PALERMO



- Jardim Botânico Carlos Thays
- Jardim Japonês
- Planetário Galileo Galilei
- MALBA — Museu de Arte Latino-Americana
- Museu Nacional de Arte Decorativa
- Hipódromo Argentino de Palermo
- Bosques de Palermo — Parque Tres de Febrero
- Palermo Soho e Palermo Hollywood
- La Viruta — milonga e escola de tango
- Salón Canning — a milonga da tradição
- Pasaje Bollini
- Pasaje Convención
- Mercado de las Pulgas

Jardim Botânico Carlos Thays

Palermo

No coração de Palermo, cercado pelo barulho das avenidas Santa Fe e Las Heras, existe um jardim de sete hectares onde o tempo parece parar. O Jardim Botânico Carlos Thays foi inaugurado em 1898 e leva o nome de seu criador: o paisagista francês Carlos Thays, que também projetou os Bosques de Palermo e dezenas de praças e parques da cidade.

Thays concebeu o jardim como espaço de pesquisa botânica, mas também como jardim de lazer na tradição dos jardins europeus do século XIX. As 5.500 espécies vegetais que abriga estão organizadas por regiões geográficas e famílias botânicas, criando percursos que levam da floresta temperada à selva tropical em poucos passos. As estufas de ferro e vidro do final do século XIX são, em si mesmas, obras de arquitetura industrial de grande valor patrimonial. O jardim é também refúgio de centenas de gatos urbanos, cuidados por moradores voluntários.

NOTA DO AUTOR

O Jardim Botânico é o lugar de Buenos Aires onde o contraste entre a cidade e a natureza é mais claramente percebido. Entrar por qualquer um de seus portões produz uma desconexão imediata do barulho urbano que poucas outras experiências da cidade conseguem igualar.

Jardim Japonês

Palermo

O Jardim Japonês de Buenos Aires é o maior fora do Japão. Seus 5,5 hectares de jardins projetados segundo os princípios da jardinagem japonesa clássica, seus lagos com carpas koi, suas pontes de madeira e seus pagodes o transformam em um espaço que merece ser levado a sério como obra de design.

O jardim foi inaugurado em 1967 como presente da comunidade japonesa residente na Argentina ao povo argentino, no âmbito das comemorações do sesquicentenário da Independência. A doação incluía não só o projeto, mas também as plantas, as pedras e os elementos arquitetônicos trazidos do Japão. Os princípios da jardinagem japonesa — a assimetria, o vazio como elemento de composição, a referência à natureza em miniatura — produzem uma experiência espacial completamente diferente de qualquer outro jardim da cidade.

NOTA DO AUTOR

O Jardim Japonês demonstra que os princípios do design japonês — a assimetria, o silêncio, a referência indireta à natureza — funcionam em Buenos Aires tão bem quanto em Kyoto. A escala humana do espaço, que nunca faz você se sentir pequeno, é sua maior virtude.

Planetário Galileo Galilei

Palermo

Nos Bosques de Palermo, sobre um lago artificial, ergue-se um dos edifícios mais singulares de Buenos Aires. O Planetário Galileo Galilei, inaugurado em 1966, tem a forma de um disco voador pousado sobre três pernas de concreto — uma silhueta que, nos anos sessenta, remetia diretamente à ficção científica e que, hoje, quase seis décadas depois, continua estranha e fascinante.

O edifício foi projetado pelo arquiteto argentino Enrique Jan, que resolveu o problema de abrigar uma grande cúpula esférica — indispensável para as projeções astronômicas — por meio de uma estrutura que transforma essa necessidade técnica no elemento formal dominante. A cúpula de vinte metros de diâmetro que coroa o edifício não é um acidente: é a lógica construtiva levada à sua consequência mais expressiva. As sessões do planetário projetam o céu noturno sobre a cúpula interna com uma precisão e uma escala únicas na cidade.

NOTA DO AUTOR

O Planetário é o edifício de Buenos Aires que mais claramente pertence à sua época sem envelhecer. Aquele otimismo científico e espacial dos anos sessenta — que acreditava que o futuro estava nas estrelas — ficou imortalizado nessa cúpula que flutua sobre o lago de Palermo.

MALBA — Museu de Arte Latino-Americana

Palermo



Foto C. Firvida

O MALBA é o museu de arte contemporânea mais visitado da Argentina e um dos mais importantes da América Latina. Inaugurado em 2001 com a coleção do empresário Eduardo Costantini, reúne obras dos grandes mestres da arte latino-americana do século XX: Frida Kahlo, Diego Rivera, Tarsila do Amaral, Xul Solar e Antonio Berni, entre muitos outros.

O edifício foi projetado pelos arquitetos cordobeses Gastón Atelman, Martín Fourcade e Alfredo Tapia, vencedores do concurso internacional de 1997. O projeto resolve o problema de abrigar grandes obras de arte por meio de uma estrutura de concreto e vidro que gera espaços de pé-direito duplo com luz natural zenital, ideal para a contemplação de pinturas de grande formato. A fachada sobre a Avenida Figueroa Alcorta, com seu grande plano inclinado de concreto, é uma das intervenções arquitetônicas mais contundentes da Buenos Aires contemporânea.

NOTA DO AUTOR

Há alguns anos fui ao cinema do MALBA. Entrei na sala praticamente lotada, sentei e vi, bem na poltrona da frente, as costas e a nuca de Clorindo Testa, com quem eu havia trabalhado quase dois anos antes de me formar. Cumprimentei-o, ele virou a cabeça, levantou-se e nos abraçamos. As luzes se apagaram e, virando-se, ele me perguntou: como você está? Respondi que muito bem... e que agora, sentado atrás do maior arquiteto, ainda melhor. Clorindo terminou de virar a cabeça, olhou para mim sorrindo e disse: Carlos, não existem grandes arquitetos... só existem grandes clientes. Um grande homem, de fato, Clorindo.

O MALBA resolveu na Argentina um problema que poucos museus latino-americanos haviam enfrentado com seriedade: como construir um edifício para a arte contemporânea que não compita com as obras, mas as potencialize. A solução — luz natural, espaços neutros, escala generosa — é modesta e perfeita.

Museu Nacional de Arte Decorativa

Palermo

O Museu Nacional de Arte Decorativa funciona no Palacio Errázuriz, construído entre 1911 e 1918 para a família Errázuriz-Alvear segundo projeto do arquiteto francês René Sergent. O edifício é um palacete de estilo Luís XVI tão fiel a seus modelos parisienses que é difícil acreditar que está em Buenos Aires.

René Sergent foi o arquiteto favorito da aristocracia europeia e americana do início do século XX. O Palacio Errázuriz é sua única obra na América do Sul e é considerado um dos palacetes particulares mais importantes do continente. A coleção do museu inclui móveis franceses do século XVIII, prataria europeia, tapeçarias flamengas, porcelanas de Sèvres e pinturas de El Greco, Manet e Rodin. O conjunto — arquitetura, jardins e coleção — é uma imersão total na estética da elite argentina da Belle Époque.

NOTA DO AUTOR

O Palacio Errázuriz é o lugar de Buenos Aires onde a fantasia europeia da oligarquia argentina se expressou com maior coerência e maior luxo. Não é nostalgia: é um documento histórico extraordinário sobre o que uma certa Argentina quis ser.

Hipódromo Argentino de Palermo

Palermo

O Hipódromo Argentino de Palermo é um dos complexos arquitetônicos mais subestimados de Buenos Aires. Inaugurado em 1908, suas arquibancadas de estilo eclético, seus paddocks, suas cavalariças e sua pista oval de dois quilômetros formam um conjunto de mais de cinquenta hectares que funciona como um mundo autônomo dentro da cidade.

O edifício principal das arquibancadas foi projetado seguindo os modelos dos grandes hipódromos europeus da Belle Époque: Longchamp, em Paris, e Ascot, na Inglaterra. As galerias cobertas, os camarotes privados, os salões de apostas e os terraços com vista para a pista criam uma arquitetura do espetáculo com poucos equivalentes na cidade. A escala do hipódromo — que só se percebe por dentro — é uma das surpresas que guarda para quem o visita pela primeira vez: esses cinquenta hectares de verde no coração de Palermo são invisíveis a partir de qualquer rua do bairro.

NOTA DO AUTOR

O Hipódromo é o grande desconhecido da arquitetura portenha. Suas arquibancadas da Belle Époque são tão boas quanto qualquer edifício da época na cidade, mas, por estarem dentro de um recinto fechado, pouca gente as vê. É um dos segredos mais bem guardados de Palermo.

Bosques de Palermo — Parque Tres de Febrero

Palermo

Os Bosques de Palermo são o maior espaço verde de Buenos Aires. Seus mais de quatrocentos hectares de parques, lagos, jardins e avenidas arborizadas foram projetados por Carlos Thays no final do século XIX seguindo os princípios do paisagismo inglês: natureza organizada que imita a natureza espontânea, com trilhas que se curvam para criar surpresas e espelhos d'água que refletem o céu.

O Rosedal é o jardim mais formal e mais visitado dentro do parque. Seus dezoito mil roseiras de seiscentas variedades diferentes produzem uma floração espetacular na primavera. O projeto do Rosedal, com sua ponte veneziana e sua pérgola central, é um exemplo do jardim romântico europeu transplantado com sucesso para o clima de Buenos Aires. Dentro do parque funcionam também o Jardim Japonês, o Jardim Botânico, o Planetário e o Hipódromo, o que torna os Bosques o maior complexo cultural ao ar livre da cidade.

NOTA DO AUTOR

Os Bosques de Palermo são o presente mais duradouro que o século XIX deu a Buenos Aires. Thays entendeu que uma cidade sem pulmão verde é uma cidade doente, e projetou um parque que funciona tão bem hoje quanto em 1900.

Palermo Soho e Palermo Hollywood

Palermo

Palermo Soho e Palermo Hollywood são os nomes que o uso popular deu a duas áreas do bairro de Palermo que, nos anos noventa, começaram a se transformar aceleradamente. O que até então era um bairro residencial de classe média com algumas indústrias e depósitos se tornou o epicentro do design, da gastronomia e da vida noturna portenha.

Palermo Soho recebe esse nome por causa do bairro nova-iorquino, porque o processo foi semelhante: artistas e designers em busca de espaços baratos instalaram seus ateliês e estúdios, e atrás deles vieram os restaurantes, as boutiques e o público. Palermo Hollywood deve seu nome à concentração de produtoras de televisão que se instalaram na região nos anos noventa. Hoje os dois microbairros são praticamente indistinguíveis em função — design, gastronomia, vida noturna —, embora conservem identidades próprias.

NOTA DO AUTOR

Palermo Soho e Hollywood são o exemplo mais claro de como a cidade se transforma de baixo para cima quando as políticas urbanas não o impedem. O problema é sempre o mesmo: quem fez a transformação depois é deslocado por quem se beneficia dela.

La Viruta — milonga e escola de tango

Palermo

Tango não se aprende olhando: se aprende dançando. E em Buenos Aires, o lugar onde essa verdade se pratica com mais intensidade e maior diversidade de público é La Viruta. Localizada no subsolo do Club Armenia, em Palermo, La Viruta é, ao mesmo tempo, escola de tango, milonga e ponto de encontro de uma comunidade internacional que chega a Buenos Aires especificamente para aprender e dançar.

A proposta combina aulas para iniciantes com milongas que terminam ao amanhecer. As aulas anteriores ao baile — que começam por volta das nove da noite — permitem que dançarinos de todos os níveis aqueçam e aprendam antes de começar a milonga propriamente dita. Esse formato — aula seguida de baile no mesmo espaço — é o que diferencia La Viruta das outras milongas e explica sua capacidade de integrar iniciantes e dançarinos experientes.

NOTA DO AUTOR

La Viruta é a milonga que mostra mais claramente a dimensão internacional do tango. Ouvir alguém pedir uma aula em japonês, alemão ou hebraico enquanto toca Di Sarli ao fundo é uma experiência que só Buenos Aires pode oferecer.

Salón Canning — a milonga da tradição

Palermo

Se La Viruta é a milonga da nova geração, o Salón Canning é a milonga da tradição. Localizado na Avenida Scalabrini Ortiz, o Canning é o espaço onde o tango portenho é praticado com a maior fidelidade a seus códigos históricos: a roda, o cabeceo (o convite com o olhar), as tandas e cortinas, o abraço fechado e o silêncio como forma de comunicação.

O Salón Canning tem uma história anterior às milongas que hoje o habitam. O edifício foi construído nos anos quarenta como salão de festas e bailes, e sua arquitetura — com a grande pista de madeira, o palco para a orquestra, os camarotes laterais e o bar ao fundo — foi concebida especificamente para o baile social. Essa adequação entre o espaço e seu uso é o que faz do Canning um dos salões de baile mais completos da cidade.

NOTA DO AUTOR

O Salón Canning é o lugar onde o tango é praticado com mais seriedade e, ao mesmo tempo, menos pretensão. Essa combinação — o rigor do código milonguero com a naturalidade de quem dança há décadas — é exatamente o que o tango precisa para sobreviver.

Pasaje Bollini

Palermo

No coração de Palermo, a poucos metros das avenidas barulhentas e dos bares da moda, existe uma rua que parece pertencer a outra cidade e a outra época. O Pasaje Bollini é uma das ruas mais fotogênicas de Buenos Aires: duas quadras de paralelepípedos com casas baixas, jardins e árvores que formam uma abóbada vegetal sobre a via.

A passagem leva o nome de Pedro Bollini, um comerciante italiano que, no final do século XIX, loteou suas terras e criou essa rua particular de casas unifamiliares. A tipologia — passagem interna com frente estreita e jardim na entrada — era comum na Buenos Aires da imigração, e o Bollini é uma das poucas que sobreviveram sem alterações de escala. As casas são um catálogo condensado da arquitetura doméstica portenha: italianismo, art nouveau e ecletismo convivem em fachadas que cada proprietário modificou a seu gosto.

NOTA DO AUTOR

O Pasaje Bollini é um daqueles lugares que recomendo aos arquitetos que visitam Buenos Aires para entender como a escala humana funciona na malha urbana. As proporções da passagem — largura, altura, vegetação — criam uma experiência espacial que nenhum manual de urbanismo consegue descrever melhor do que caminhar por ali numa terça-feira às cinco da tarde.

Pasaje Convención

Palermo

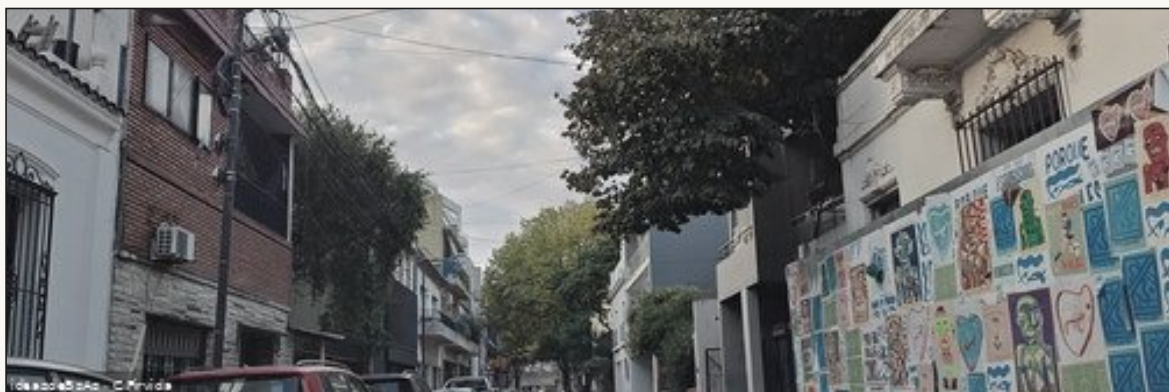


Foto C. Firvida

Buenos Aires tem o hábito de nomear a si mesma. Suas ruas e passagens registram batalhas, presidentes, poetas, províncias, datas cívicas. O Pasaje Convención evoca as convenções constituintes que deram forma institucional ao país na segunda metade do século XIX, em particular a de 1853, que promulgou a Constituição Nacional.

A passagem está localizada no coração de Palermo Hollywood, cercada pelos bares, restaurantes e estúdios de produção que caracterizam o bairro. Sua escala íntima — poucos metros de largura, ladeada por edifícios de dois e três andares — contrasta com a animação das ruas vizinhas e cria um espaço de pausa em um dos bairros mais movimentados da cidade. Os restaurantes que ocupam os térreos o transformaram em um destino noturno que mistura moradores do bairro com público que vem especificamente por seus restaurantes.

NOTA DO AUTOR

O Pasaje Convención é o exemplo perfeito de como a escala íntima pode conviver com a intensidade urbana. Em plena Palermo Hollywood, esses poucos metros de passagem criam uma pausa de que o bairro precisa e que ninguém planejou.

Mercado de las Pulgas

Palermo



Foto C. Firvida

O Mercado de las Pulgas é o mercado de antiguidades e objetos vintage mais ativo de Buenos Aires. Funciona de terça a domingo no quarteirão delimitado pelas ruas Dorrego, Álvarez Thomas, Concepción Arenal e General Martínez, na fronteira entre Colegiales, Palermo e Chacarita, combinando no mesmo espaço a feira de antiguidades clássica com o design contemporâneo, livros usados e roupas vintage.

Aqui convivem o antiquário sério que vende móveis do século XIX com o jovem designer que oferece peças recicladas, o colecionador de discos de vinil com o vendedor de roupas de outra época. Essa diversidade é o que torna o mercado difícil de definir e fácil de percorrer por horas. Não existem duas visitas iguais: as bancas mudam, os objetos mudam, e sempre aparece algo inesperado.

NOTA DO AUTOR

O Mercado de las Pulgas é um daqueles lugares onde Buenos Aires se parece consigo mesma. Não há curadoria nem design pensado: é o cambalache portenho em sua forma mais pura, com tudo o que isso implica de caótico, surpreendente e irrepetível.